2
Fundamentação Teórica

> ...todos falamos tão livremente de língua, ou línguas, que tendemos a esquecer que essas coisas não existem no mundo real; o que existe são apenas pessoas e seus diversos produtos acústicos e escritos. Esse ponto, óbvio em si mesmo, é, no entanto fácil de esquecer...
>
> Rajagopalan, 1998.

Este capítulo tem como objetivo, num primeiro momento, apresentar definições pertinentes à classe gramatical dos adjetivos, assim como seus principais processos de formação, suas funções sintáticas e subclasses. Como foi afirmado na introdução, a ênfase desta pesquisa será dada à questão da ordem dos adjetivos no Português do Brasil e suas possíveis mudanças semânticas.

Com intuito de formar um referencial teórico para análise proposta nesta pesquisa, será apresentada a revisão bibliográfica sobre os adjetivos e respectivas delimitações desta classe gramatical, apoiando-se em definições da literatura linguística (Dubois, 1978; Perini, 2002a; Mattoso, 2001), nos conceitos dos processos de formação de palavras (Basílio, 2004), assim como nas definições e conceitos dos compêndios da tradição gramatical do ensino de Português língua materna (Bechara, 2001; Cunha & Cintra, 2007), na gramática de usos (Neves, 2000) e, em uma gramática do português como língua estrangeira (Perini, 2002b) e outra da língua inglesa, também, voltada para o ensino de inglês para estrangeiros (Celce-Murcia e Larsen-Freeman, 1999) nos serviram de base para algumas considerações sobre uma análise comparativa das duas línguas.

Seguindo as bases teóricas da Filosofia da Linguagem, a ênfase será dada à visão pragmática da linguagem, segundo as reflexões filosóficas de Wittgenstein (IF, 1989 *apud* Scherer 2002). Da Sociolinguística Interacional abordamos o conceito de *face* (Goffman, 1967 e Brown e Levinson, 1987); da Antropologia Linguística veremos o conceito de linguagem como prática cultural (Duranti, 2004 e Bourdieu, 1990), e da Antropologia Social o conceito de cultura (Cuche, 2002; DaMatta, 1984; Holanda, 2002).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

Finalmente, apresentaremos uma breve exposição da abordagem da classe dos adjetivos nos materiais didáticos de PL2-E. Sabemos que este não é o principal objetivo da pesquisa, devido à complexidade desta classe gramatical, torna-se essencial este item, tendo em vista a necessidade de maior atenção por parte daqueles que se propõem a ensinar uma segunda língua. Respectivamente, três livros didáticos para o ensino de PL2-E foram pesquisados: *Avenida Brasil: curso básico para estrangeiros* (1991); *Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da Comunicação* (2000); *Panorama Brasil: Ensino do português do mundo dos negócios* (2006).

A seleção destes livros objetivou verificar se houve mudança de enfoque no que diz respeito a esta classe gramatical no ensino de português para estrangeiros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

2.1
Definindo a classe dos adjetivos no português do Brasil

Dubois (1978:21-23) define a classe dos adjetivos "como a palavra que se une ao substantivo para exprimir a qualidade do objeto ou do ser, ou da noção designada por esse substantivo (adjetivo qualificativo), ou então para fazer com que esse substantivo seja atualizado numa frase (adjetivo determinativo)".

Segundo o autor, os adjetivos qualificativos podem desempenhar a função de adjunto adnominal, sendo assim classificado como adjunto adnominal quando entrar no grupo nominal cujo termo principal é o substantivo ao qual se une o adjetivo (dizemos que ele o qualifica ou a ele se refere).

Ainda, segundo o autor, quando os adjetivos ocupam a função de adjunto adnominal podem ser preposto ou posposto ao nome a que se referem. Porém, a ordem neutra é a ordem **substantivo-adjetivo**. A ordem **adjetivo-substantivo** deve ser explicada, pois adjetivos como *belo, grande, longo, pequeno, velho,* geralmente se antepõem. A ordem **adjunto adnominal + substantivo** chega a ser obrigatória em sequências lexicalizadas, como por exemplo, "*Ele é um bom garfo*"; a anteposição do adjunto reforça o valor adjetivo. O adjunto adnominal concorda em gênero e número com o substantivo.

Segundo Basílio (2004:53), os "adjetivos denotam qualidades e propriedades em geral, atribuindo-as aos substantivos a que se referem. Processos de formação de adjetivos servem ao propósito de formar predicadores ou elementos de atribuição de qualidades e propriedades a substantivo". Embora a autora se refira aos adjetivos derivados, ela afirma que podemos distinguir nos adjetivos uma função *denotativa* e uma função *predicativa*. Posteriormente, na seção 2.1.3 desta dissertação, estas funções propostas pela autora serão mais bem apresentadas.

Mattoso (2001:79) adota a terminologia de Bally (1950:102 *apud* Mattoso) e a divisão morfo-semântica dentro dos critérios funcionais. Subdivide nomes e pronomes pela sua função na comunicação linguística e, atribui à função de adjetivo cujo nome ou pronome é o "termo determinante" que modifica um nome substantivo ou tratado como determinado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

2.1.2
A abordagem da Gramática Normativa

Bechara (2001)[1] define o adjetivo como a "classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma parte ou um aspecto do denotado".

Para o gramático, esta classe pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado, cuja estrutura interna ou constitucional consiste na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias. Porém, entre as desinências, está a marca de gradação, bem como os afixos de gênero e número, cuja "relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado, geralmente é expressa pela 'concordância'" (*ibidem*).

Segundo o autor, a delimitação apresenta distinções que podem ser "*explicação, especialização* e *especificação*, expressos por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e os *especificadores*" (*ibidem*).

[1] Cf. Bechara (2001:142-143). Os números de (1) a (4) não correspondem ao original.

Os delimitadores *explicadores* destacam e acentuam, segundo o gramático, uma característica inerente do nomeado e denotado.

[2](1) O **vasto** oceano / as **líquidas** lágrimas

Os delimitadores *especializadores* marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado.

(2) O sol **matutino** / o céu **austral /** Camões **como poeta**

Os delimitadores *especificadores* restringem a possibilidade de referência de um signo juntando-lhes notas que não são inerentes ao seu significado. Além destas delimitações, o autor acrescenta aos especificadores o critério da *especificação distintiva* adotado por Coseriu, e cita como exemplo:

(3) Castelo **medieval** / o presidente da **República /** o médico **de família**

O autor cita como formalmente análoga à especificação distintiva, a *especificação informativa* ou *identificação*. Segundo Bechara, a identificação não se dá com significados como delimitação, mas com formas, e cita exemplos:

(4) folha **de papel**, quadro **de futebol**, língua-**idioma**, homem homem

Para Cunha & Cintra (2007)[3], o adjetivo é "essencialmente um modificador do substantivo" e, apresenta uma primeira função: a de caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes:

a) uma qualidade (ou defeito):

(5) inteligência **lúcida** (6) homem **perverso**

b) o modo de ser:

(7) pessoa **simples** (8) rapaz **delicado**

[2] A numeração deste exemplo e dos demais citados nesta dissertação foram criados pela autora.
[3] Cf. Cunha & Cintra (2007:245-247). Desta obra foram retirados os exemplos de (5) a (23).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

c) o aspecto ou aparência:

(9) céu **azul** (10) vidro **fosco**

d) o estado:

(11) casa **arruinada** (12) laranjeira **florida**

Os autores acrescentam uma segunda função aos adjetivos além da mencionada anteriormente; pois estes também servem para estabelecer uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. Eles citam como exemplos de *adjetivo de relação*:

(13) nota **mensal**	(= nota relativa ao mês)
(14) movimento **estudantil**	(=movimento feito por estudantes)
(15) casa **paterna**	(=casa onde habitam os pais)
(16) vinho **português**	(=vinho proveniente de Portugal)

Em nota de observação enfatizam que, os adjetivos de relação, derivados de substantivo, são de natureza classificatória, ou seja, exprimem com exatidão o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição provoca uma valorização de sentido muito sensível.

Os autores afirmam ser muito estreita a relação entre o *substantivo* (termo determinado) e o *adjetivo* (termo determinante) e que, não raro, há uma única forma para as duas classes de palavras; sendo a distinção possível apenas quando vista num contexto frasal.

(17) Uma **preta velha** vendia laranjas.

(18) Uma **velha preta** vendia laranjas.

Segundo os autores, na primeira oração, *preta* é substantivo por ser a palavra-núcleo, caracterizada por *velha*, sendo esta adjetivo ao assumir a função caracterizadora do termo-núcleo. Porém, na segunda oração, ocorre o contrário, *velha* é substantivo e *preta* adjetivo. Os autores concluem que a subdivisão dos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

nomes portugueses em substantivos e adjetivos obedece a um critério basicamente sintático, funcional.

Cunha & Cintra (2007), chamam de *substantivação do adjetivo* o fato que se exprime, gramaticalmente, pela anteposição de um determinativo (em geral do artigo) ao adjetivo e, que consequentemente, deixa de ser um termo subordinado para tornar-se um termo nuclear do sintagma nominal.

(19) O céu **cinzento** indica chuva. (adjetivo)
(20) O **cinzento** do céu indica chuva. (substantivo)

Segundo Cunha & Cintra (2007), existem palavras ou expressões de outra classe gramatical que podem também servir para caracterizar o substantivo ficando a ele subordinado na frase e, portanto, valerem como verdadeiros adjetivos, semântica e sintaticamente falando.

(21) Coração **de anjo** (=angélico)
(22) Jornal **de hoje** (=hodierno)
(23) Susana, **que não se sentia bem**, estava de cama.
(M. Torga, V, 178.)

Segundo a abordagem da *Gramática Descritiva*, realizada por Perini (2002a)[4], "as classes tradicionalmente denominadas 'substantivo' e 'adjetivo' têm limites muito pouco claros". Segundo o autor, ambas se distinguem facilmente de um verbo, porém, a "separação entre substantivo e adjetivo é pouco marcada e que há razões para duvidar da existência de duas classes distintas" (*ibidem*).

O linguista (2002a) admite que a maioria das palavras possa desempenhar mais de uma função sintática. Palavras tais como *inimigo*, *velho*, *verde*, *fazendeiro* não são tipos de substantivo que às vezes se 'transfere' para classe dos adjetivos, nem o oposto. Trata-se pura e simplesmente, de uma palavra cujo potencial funcional inclui tanto a possibilidade de ser núcleo de um SN[5] quanto à de ser um modificador. Portanto, o autor não compartilha com outros autores a ideia de substantivação do adjetivo como a apresentada por Cunha & Cintra (2007).

[4] Cf. Perini (2002a:321-322). Desta obra foram retirados os exemplos de nº (24) e (25).
[5] SN (sintagma nominal); Mod (modificador); NSN (núcleo do sintagma nominal). Estas abreviaturas são usadas por Perini (cf. Perini, 2002a:323).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

(24) Um avião ***inimigo*** [inimigo: Mod]

(25) Um ***inimigo*** terrível [inimigo: NSN]

Segundo Perini (op. cit., p. 327), o conjunto de itens que a gramática tradicional define sintaticamente como pertencentes à classe dos substantivos e adjetivos precisa ser colocado em um número maior de classes. Após definir os traços distintivos de um grupo de palavras propostas, o autor define a classe dos substantivos, como "todas as palavras que podem ser complementos do predicado e não podem ser nem modificadores nem predicativos; adjetivos são as que podem ser complementos do predicado, e também modificadores e predicativos".

2.1.3
A abordagem da Gramática Funcional

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

Beaugrande (cap.-III:3 *apud* Neves, 2000) afirma que a principal tarefa de uma "gramática funcional" é fazer correlações ricas entre forma e significado dentro do contexto global do discurso. Segundo Martinet (1994), esta abordagem privilegia a "competência comunicativa" e adota como concepção de língua um sistema não autônomo, "já que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução" (Givón, 1995).

De acordo com Neves (2000)[6]**,** os adjetivos são usados para atribuir uma propriedade singular a uma categoria denominada por um substantivo. Segundo a autora, essa atribuição funciona de dois modos:

a) qualificando, como em

(26) Lembro-me de alguns, Dr. Cincinato Richeter, homem ***grande***, ***gentil***, e ***sorridente***, que às vezes trazia seu filhinho Roberto e a esposa, moça ***bonita*** e ***simpática.***

b) subcategorizando, como em

(27) Foi providenciada perícia ***médica*** e estudo ***psicológico***.

[6] Cf. Neves (2000:173-176). Os exemplos de (26) a (34) são da obra citada.

Para Neves (*ibidem*), na língua portuguesa existem:

a) adjetivos *simples* como amigo e desagradável, em

(28) Pus-me a dar pancadinhas ***amigas*** no dorso onde a transpiração produzia uma ***desagradável*** umidade.

b) adjetivos *perifrásticos*, ou *locuções adjetivas*, como ***do interior***, em

(29) Um jovem ***do interior***, que acabara de chegar a Berlim, estava iniciando seus estudos de chinês para entender, pois não confiava em traduções.

A autora admite que um substantivo possa deixar de ser referencial e funcionar como se fosse um adjetivo, ou seja, pode atribuir o conjunto de propriedades que indica, como se fosse uma única propriedade a um outro substantivo e atuar como qualificador ou como classificador, ocorrendo especialmente em função *predicativa*. A autora exemplifica:

(30) Romãozinho, que era assim chamado por ser pequeno: era **menino**; e malévolo.

Neves (2000) acrescenta que este tipo de qualificação também pode ocorrer em função *adnominal*. Isto ocorre quando um substantivo é colocado à direita de outro para qualificá-lo ou classificá-lo. Na seção 2.1.3 estas funções serão mais bem detalhadas.

(31) A PF investiga uma conta **fantasma**.

Segundo Neves (*ibidem*), o substantivo usado como não-núcleo em um sintagma nominal pode manter, ou não, suas propriedades de substantivo, ou seja, pode não ser suscetível a intensificação assim como não concordar com o nome nuclear do sintagma.

(32) **Deputados médicos** acham inquietante o quadro clínico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

A autora atribui a concordância do substantivo da direita com o substantivo da esquerda à evidência da adjetivação do substantivo. Segundo a autora, a não concordância representa relativa conservação do estatuto de substantivo pelo elemento da direita, limitando-se a posição adnominal.

(33) As **batatas-semente** devem ter formato retangular.

Outro argumento apresentado por Neves para *adjetivação* do substantivo é a suscetibilidade a intensificação. Esta é exclusiva dos casos em que o substantivo da direita atua como qualificador. A intensificação é a evidência da função semântica qualificadora, assim como da adjetivação do substantivo.

(34) A Amazônia é uma **região tão Brasil** quanto São Paulo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

2.1.4
Funções sintáticas do adjetivo

Segundo Cunha & Cintra (2007)[7], a rigor o adjetivo só existe referido a um substantivo, e conforme se estabeleça a relação entre os dois termos na frase, o adjetivo desempenhará as funções sintáticas de adjunto adnominal ou de predicativo. Diferentemente da gramática normativa, a gramática de usos de Neves (2000) apresenta além das funções de adnominal e predicativa do adjetivo, as funções de argumento, de aposto ou funções próprias de substantivo.

Cunha & Cintra (*idem*) afirmam que, ao desempenhar a função de adnominal, o adjetivo refere-se, sem intermediário, ao substantivo a que pode vir posposto e anteposto. Formam ambos um conjunto significativo, marcado pela unidade de acento e entoação e pela identidade de função sintática.

(35) Seus **olhos negros** me encantam.

Para os autores, o sujeito da oração é não apenas *olhos*, mas toda a unidade significativa e acentual *Seus olhos negros*. E, acrescentam que é dentro deste

[7] O exemplo (35) foi retirado de Cunha & Cintra (2007:262).

conjunto que o adjetivo desempenhará a função sintática acessória, ou seja, secundária, de adjunto adnominal do substantivo olhos, núcleo do sujeito.

Segundo Neves (2000)[8], o adjetivo em função de adnominal é periférico no sintagma nominal. “Ele acompanha, pois, o substantivo, exercendo a função tradicionalmente denominada adjunto adnominal”.

> (36) A aplicação **local** da morfina em análogos **sintéticos**, diretamente a fibra **nervosa**, não afeta substancialmente a condução do influxo **nervoso**.

Segundo Neves (*idem*)**,** o adjetivo é núcleo no sintagma verbal, e é, portanto, núcleo do predicado. “Neste caso, a qualidade expressa pelo adjetivo transmite-se ao substantivo por intermédio de um verbo que pode estar explícito ou implícito” (Cunha & Cintra, 2007)[9]. Quando o verbo é de ligação, o adjetivo é núcleo do predicado e exerce a função tradicionalmente denominada predicativo do sujeito, portanto, o predicado é nominal.

> a) Predicativo do sujeito, com verbo de ligação explícito:
> (37) A cidade parece **encantada**.
>
> b) Predicativo do sujeito, com verbo de ligação implícito:
> (38) **Estranho** aquele casal.

Quando o verbo não é de ligação, há além do adjetivo, um núcleo verbal, o predicado é verbo-nominal. O adjetivo poderá ser respectivamente, predicativo do sujeito (PS), predicativo do objeto direto (POD) ou predicativo do objeto indireto (POI). Vejamos os exemplos citados por Neves[10]:

> (39) Foi idéia dele, que ela aceitou **surpresa**. (PS)
> (40) Percebera a platéia **indiferente**, **fria**, quase **hostil.** (POD)
> (41) Ainda me lembro delas **mocetonas**. (POI)

[8] Cf. exemplo (36) em Neves (2000:180)
[9] Cf. exemplo (37) e (38) em Cunha & Cintra (2007:262).
[10] Os exemplos (39) a (42) estão em Neves (2000:180-182). As abreviaturas e os números dos exemplos não correspondem ao original. O acento agudo na palavra *idéia* e *platéia* foram mantidos como na obra pesquisada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

Independentemente de o predicado ser verbal ou verbo-nominal, pode ocorrer adjetivo como predicativo do complemento nominal:

(42) tenho lembrança delas **mocetonas**.
(delas = CN; mocetonas = PCN)

Cunha & Cintra (2007)[11] apresentam uma diferença fundamental entre o adjetivo em função de adjunto adnominal e o adjetivo em função de predicativo. Segundo os autores, quando em função de adjunto adnominal, o adjetivo é termo *acessório* da oração, parte de um termo essencial ou integrante dela; porém, em função de predicativo o adjetivo é, por si próprio, um termo *essencial* da oração.

(43) O campo é **imenso**.
(44) O campo **imenso** está alagado.

Para os autores, no exemplo (43) o adjetivo predicativo não poderia faltar, pois, sendo termo *essencial*, sem ele a oração não teria sentido. Diferentemente do exemplo (44); o adjetivo *imenso* seria parte do sujeito, uma qualificação dispensável do substantivo que lhe serve de núcleo, portanto, *acessório* da oração.

Uma outra diferença apontada pelos autores é o fato de a qualidade expressa por um adjetivo, em função predicativa, vir marcada no tempo, sendo o verbo responsável por essa relação cronológica entre a qualidade e o ser. Vejamos os exemplos (45) e (46) respectivamente:

(45) O **bom** aluno estuda.
(46) Ele está **nervoso**, mas era **calmo**. (presente / passado)

Os autores acrescentam o emprego adverbial do adjetivo em função predicativa. Segundo eles, o adjetivo em função predicativa concorda em gênero e número com o substantivo sujeito:

[11] Cf. Cunha & Cintra (2007:263-264). Os exemplos (43) a (51) são da obra citada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

(47) O(s) menino(s) dorme(m) **tranqüilo(s)**.[12]

(48) A(s) menina(s) dorme(m) **tranqüila(s)**.

Segundo Cunha & Cintra (2007)**,** além da concordância, é visível que o adjetivo modifica a ação expressa pelo verbo e assume de alguma forma, um valor também adverbial. Porém, a forma adverbial, invariável, impede a possibilidade de concordância fazendo aflorar com toda nitidez o modo por que se processa a ação indicada pelo verbo dormir.

(49) O(s) menino(s) dorme(m) **tranqüilamente**.

(50) A(s) menina(s) dorme(m) **tranqüilamente**.

Em nota de observação, os autores acrescentam que embora o adjetivo adverbializado deva permanecer invariável, mesmo bons autores aprovam sua concordância com o sujeito da oração, fato justificável pela ampla zona de contacto existente entre o adjetivo e o advérbio:

(51) Maria necessitava de apoio, **meia espantada**, **meia grata**, deixou-se levar. (M. de Andrade, *OI*, 64.)

Além das duas funções, comumente apresentadas pela gramática normativa, Neves (2000)[13] apresenta mais três funções respectivamente:

A primeira delas é a *função de argumento*. Segundo a autora, o adjetivo tem função na estrutura argumental do nome com o qual ocorre. Isto é, ele exprime o que seria um complemento do nome (complemento nominal).

(52) Anita fugia, sem puritanismo, àquela obsessão **matrimonial** e àqueles destemperos do sexo.

Na *função apositiva*, o adjetivo pode constituir uma expansão de um termo ocorrente na estrutura da oração, podendo de tal modo, ser omitido sem afetar essa estrutura.

[12] O trema foi mantido nas palavras *tranqüilo* (47 e 48) e *tranqüilamente* (49 e 50) como na obra pesquisada. Cf. Cunha & Cintra (2007:264).

[13] Cf. em Neves (2000:183-184) os exemplos de (52) a (55).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

(53) Viu o cano, **reluzente**, parecia de prata.

A última função que a autora denomina de *funções próprias de substantivos*, o adjetivo passa facilmente a designar um conjunto de propriedades, ou seja, um tipo de indivíduos, e passa, então a ser usado como núcleo do sintagma nominal. Segundo Neves (*ibidem*), isso acontece especialmente com adjetivos que à força de ocorrer constantemente junto do mesmo substantivo, acabam por assumir o papel desse substantivo, passando a denominar o referente.

(54) **Os anticonvulsivantes** estudados no subcapítulo anterior, de grande utilidade no tratamento da epilepsia. (=os remédios anticonvulsivantes)

A partir daí, esses elementos passam a aceitar determinação e admitir qualificação.

(55) Éramos um grupo de **jovens** idealistas e **velhos** assanhados.

Basílio (2004)[14] atribui ao adjetivo derivado uma *função denotativa* e uma *função predicativa*. Segundo a autora, os adjetivos derivados, gramaticalmente, funcionam como os demais adjetivos.

a) Função denotativa: É a função pela qual o adjetivo acrescenta uma propriedade semântica às propriedades do substantivo referido, de tal modo que o conjunto substantivo + adjetivo passa a ser um novo designador.

   (56) indústria **cultural** (a expressão indústria cultural designa algo distinto do que é designado por indústria).

b) Função predicativa: o adjetivo atribui uma qualidade ao objeto referido pelo substantivo.

   (57) indústria **ultrapassada** (o adjetivo atribui um juízo de valor a alguma indústria em particular ou à atividade industrial em geral, sem haver diferença de designação).

[14] Cf. Basílio (2004:53) os exemplos (56) a (59).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

Segundo Basílio (*ibidem*), a essa distinção semântica entre os adjetivos de função denotativa e de função predicativa correspondem aspectos sintáticos. Normalmente, os adjetivos de função denotativa não admitem intensificação, ou seja, não são usados no superlativo ou com expressões adverbiais de intensificação; e não são usados com verbos que indicam avaliação, tais como julgar, achar, considerar etc.

(58) *A indústria **extremamente** cultural está se desenvolvendo.
(59) Muitos **consideram** a indústria ultrapassada.

2.1.5
As subclasses dos adjetivos

Segundo Neves (2000)[15], os adjetivos podem ser: *qualificadores* ou *qualificativos* e *classificadores* ou *classificatórios*. Vejamos primeiro a subclasse dos adjetivos qualificadores ou qualificativos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

2.1.5.1
Adjetivos qualificadores ou qualificativos

Os adjetivos *qualificadores* ou *qualificativos* indicam para o substantivo que acompanham uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem. Considerados prototipicamente *predicativos*, qualificam o substantivo o que pode implicar uma característica mais, ou menos, subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade.

(60) Nossa vida **simples** era **rica, alegre** e **sadia**. (simples = AAd)
(rica, alegre, sadia = PS)

São qualificadores todos os adjetivos com prefixos negativos, assim como todos os adjetivos terminados por sufixos que formam derivados de verbos, como -do/-to e -nte.

[15] Cf. Neves (2000:186-192) os exemplos de número (60) a (87).

(61) É **desagradável** pensar nele.

(62) O paletó **aberto** mostrava-lhe o peito de negrura **reluzente**.

Para Neves (2000), os adjetivos qualificadores têm algumas propriedades ligadas ao próprio caráter vago que se pode atribuir à qualificação, pois são *graduáveis* (63); são formados por sufixos que dão ideia de abundância de qualidade, como -oso, -udo e –ucha (64); são *intensificáveis* (65), (66) e, em princípio, são qualificadores os adjetivos que admitem sufixo superlativo (67), ou sufixo diminutivo com valor de intensificação (68):

(63) Era Savério, o filho **mais novo** de seu Roque.

(64) Suas mãozinhas **gorduchas** folheiam com desembaraço a velha edição em espanhol da Crítica da Faculdade de Julgar.

Vejamos os exemplos a seguir:

(65) População **extremamente religiosa**, **profundamente patriota**, de sangue quente.

(66) As aulas pareciam **super-simplificadas**.

(67) O leite C é **fraquíssimo**, uma água.

(68) Me lembro dela **limpinha**, jogando vôlei, de branco.

Além das características morfológicas apresentadas pela autora, os adjetivos qualificadores expressam diversos valores semânticos, tais como: de *modalização epistêmica ou deôntica*.

a) Na primeira os adjetivos exprimem conhecimento ou opinião do falante que podem ser de certeza ou de asseveração:

(69) É **evidente** que não tendes nenhuma pretensão à santidade.

de eventualidade:

(70) É **provável** que nunca mais nos vejamos nestas terras.

b) Na segunda, os adjetivos exprimem consideração, por parte do falante, de necessidade por obrigatoriedade.

(71) O ensino é **obrigatório**.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

c) De avaliação *psicológica* quando os adjetivos exprimem propriedades que definem o substantivo na sua relação com o falante.

(72) O hotelzinho da Praça da República era **lamentável**.

d) De avaliação de *propriedades intencionais* quando os adjetivos exprimem propriedades que descrevem o substantivo. Podem ser em qualidade ou em quantidade.

i) Os adjetivos são **eufóricos** (de indicação para o positivo, para o bom)

(73) A noiva reparou naquele rapaz **bonito**.

ii) Os adjetivos são **disfóricos** (de indicação para o negativo)

(74) O brasileiro pode ser **feio**, **pobre** e **doente**.

iii) Os adjetivos são **neutros** quando indicam quantidade.

(75) O negrão é **grande**, mas não é dois.

(76) Ia dar início a **profundas** modificações em suas pessoas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

2.1.5.2 Adjetivos classificadores ou classificatórios

Segundo Neves (2000), os adjetivos *classificadores* ou *classificatórios* colocam o substantivo que acompanham em uma subclasse, trazendo em si uma indicação *objetiva* sobre essa subclasse. Por constituírem uma verdadeira denominação para a subclasse, são *denominativos*, e não *predicativos*.

(77) Interessam-se todas as companhias de indústrias **alimentícias**, que entram com fortes somas.

(sabe-se que há várias classes de indústrias, de acordo com o que fabricam, e uma dessas classes é a que fabrica alimentos)

Os adjetivos classificadores correspondem, em geral, a sintagmas nominais do tipo de + nome (locuções adjetivas). Têm, portanto, a mesma distribuição, no texto, que essas locuções, e frequentemente se coordenam com elas:

(78) Entendem-se, assim, o aparecimento dos sistemas **digestivo**, **respiratório**, **de transporte**, **excretor**.

Digestivo (de digestão)
Respiratório (de respiração)
De transporte
Excretor (de excreção)

Os adjetivos classificadores têm um caráter não-vago, e, a partir daí, os adjetivos com prefixos de valor numérico são sempre classificadores:

(79) O capitalismo **multinacional** contém extremos de integração e fragmentação.

Também são *classificadores* os adjetivos derivados de nomes próprios. Eles tipificam os substantivos que acompanham, segundo um conjunto de características ligadas às atividades do indivíduo de cujo nome se derivam:

(80) Formastes o vosso estilo pelo método **machadiano** do despojamento.

Muitos adjetivos classificadores expressam noções adverbiais que podem ser:

i) De delimitação:

(81) Como é próprio das línguas naturais, a sintaxe **lógica** é rica e complexa, o que faz do sistema lingüístico mais adequado à comunicação de conceitos.

ii) De localização no espaço:

(82) O abrigo **subterrâneo** era inescrutável.

iii) De localização no tempo:

(83) no **próximo** sábado a gente vai fazer um piquenique na praça.

iv) De quantidade:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

a) definida:

(84) De mãos dadas faremos a volta completa no muro **centenário**.

b) indefinida:

(85) Olha o rio, **velho** amigo nosso, ele não fica desanimado e a gente sabe bem como é difícil seu percurso.

Segundo Neves (2000), pode haver uma permeação entre as subclasses, pois em dependência do substantivo o qual se constroem, os adjetivos classificadores podem passar a qualificadores, em uso metafórico, com possibilidade de anteposição (86), assim como com diferentes efeitos de sentido, podem receber gradação ou intensificação, o que revela um valor de qualificação (87).

(86) Desconhecido olhava a cena tomado dum **subterrâneo** temor.

(87) Conversamos e desde o início foi minha idéia fazer o que fosse **o mais brasileiro** possível.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

2.1.6
A ordem do adjetivo no sintagma nominal no português do Brasil

Segundo Cunha & Cintra (2007)[16], sabe-se que, na oração declarativa, prepondera a ordem direta, que corresponde a sequência progressiva do enunciado lógico. Segundo os autores, como elemento acessório da oração, o adjetivo em função de *adjunto adnominal* deverá vir com maior frequência depois do substantivo que ele qualifica. Porém, é sabido que ao nosso idioma não repugna a *ordem* chamada *inversa*, principalmente nas formas afetivas da linguagem, e que a anteposição de um termo é, de regra, uma forma de realçá-lo. Vejamos a seguir as duas ordens respectivamente:

a) Ordem direta: sequência substantivo + adjetivo

(88) rapaz **bom** (valor objetivo)

b) Ordem indireta: sequência adjetivo + substantivo

(89) **bom** rapaz (valor subjetivo)

[16] Cf. Cunha & Cintra (2007:266) os exemplos (88) e (89).

Segundo a classificação de Neves (2000), quanto à posição que o adjetivo ocupa no sintagma nominal existem diferenças no comportamento das duas grandes subclasses de adjetivos – os qualificadores e os classificadores.

2.1.6.1
A posição dos adjetivos qualificadores

Neves (2000)[17] afirma que, em regra geral, pode-se dizer que o adjetivo *qualificador* usado como adjunto do substantivo (ou seja, adjunto adnominal) pode ser *posposto* ou *anteposto* ao substantivo. Segundo a autora, a posposição ao substantivo é mais frequente na linguagem comum, portanto menos marcada (90); a anteposição ao substantivo (posição mais marcada) é bastante ocorrente nas obras literárias, já que dá grande efeito de sentido, especialmente o efeito de maior subjetividade (91).

(90) Uma pancada **suave** na porta, e aparece a dona do hotel.
(91) Mino de Azougue, todo pessoa e curiosidade, **forte** *pingo de vida*.

Segundo a autora, os adjetivos que mais aceitam anteposição são os que indicam qualidades atribuídas a termos que têm uma relação específica com aquele tipo de entidade qualificada. Assim, em (91) o adjetivo *forte* não tem valor absoluto; pois se refere a uma "força" especificamente ligada à entidade *pingo de vida*. "Embora o adjetivo qualificador não tenha, em geral, uma posição fixa dentro do sintagma nominal, não se pode dizer, entretanto, que a ordem seja absolutamente livre" (*ibidem*).

A autora enumera restrições a determinadas colocações e diferenças, em menor ou maior grau, em decorrência de diferenças da posição dos elementos nos sintagmas nominais (SNs) que contêm adjetivos. Veja a seguir três situações gerais, propostas pela autora, quanto à determinação da ordem dentro do sintagma nominal que contém adjetivos qualificadores:

a) A ordem é livre, isto é, o adjetivo tanto pode ser posposto como anteposto ao substantivo.

[17] Cf. os exemplos de (90) a (117) em Neves (2000:201-216).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

(92) Fisicamente bem posto, também de aparência mais jovem do que a idade que tem, embora não seja um homem **bonito**.

(93) Tio Gígio podia até ser um **bonito** homem – cabelos pretos encaracolados, olhos azuis – não fosse tão relaxado.

b) A ordem é fixa

i) O adjetivo é obrigatoriamente posposto

(94) A volta antecipada das festas de final de ano e o tempo **ruim** anteontem reduziram o movimento de veículos nas estradas de acesso à capital paulista.

(95) Passam batom **rosa**, colocam pulseira e brincos dourados.

(Todos os adjetivos representados por formas de substantivos que se usa para classificar ou para qualificar, incluindo adjetivos de cores que têm origem em substantivo são pospostos).

ii) O adjetivo é obrigatoriamente anteposto

(96) Uns sorriam e, com seu **mero** sorrir, já mil mulheres se rendiam.

(A fixidez da ordem pode dever-se ao fato de o sintagma ser reproduzido tal como ocorre em um texto de domínio público, o que configura intertextualidade).

(97) Indefeso homem, frágil máquina, arremete ***impávido*** **colosso**, desvia de fininho o poste e o caminhão.

c) A ordem é pertinente, isto é, altera-se o resultado de sentido conforme o adjetivo esteja posposto ou anteposto.

(98) Quem me contou foi um homem **velho** que escreve lá.

(homem velho = homem de idade avançada)

(99) Apresento-te um **velho** amigo, companheiro de colégio.

(velho amigo = amigo de longa data)

Segundo Neves (2000), em geral, a anteposição do adjetivo cria ou reforça o caráter avaliativo – mais subjetivo – da qualificação. Ainda, segundo a autora,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

isso significa que mesmo nos casos em que haja as duas colocações: a ordem pertinente ou a ordem livre, e se chegue a uma acepção básica, na verdade não resultam construções de valor absolutamente idêntico, do ponto de vista comunicativo.

> (100) Depois de rezar o paciente durante três ou quatro dias, dava-lhe um ***bom* vermífugo**.
> (a anteposição dos adjetivos qualificadores marca a interveniência de uma avaliação subjetiva do falante)

> (101) Depois de rezar o paciente durante três ou quatro dias, dava-lhe um **vermífugo *bom***.
> (com a posposição do adjetivo, a qualificação diria respeito mais evidentemente a propriedades intencionais entendidas como objetivamente indicadas, configurando-se em uso mais descritivo).

Ainda, segundo Neves (2000), a natureza do substantivo qualificado pelo adjetivo, os substantivos abstratos favorecem mais a anteposição de adjetivos qualificadores, exatamente porque a qualificação de abstratos é sempre menos objetiva – mais apreciativa e menos descritiva – que a de concretos.

> (102) Juro-lhe que deixou-nos as mais ***suaves* recordações**.

No entanto, são menos usuais, e por isso mesmo de maior efeito, são as ocorrências de qualificadores antepostos a substantivos concretos:

> (103) Descobrimos ***velhos* objetos** colocados fora de uso.

2.1.6.2
A posição dos adjetivos classificadores

Os adjetivos classificadores, em função adnominal, segundo Neves (2000), aparecem normalmente pospostos. Porém, segundo a autora, pode haver construções cristalizadas em que o adjetivo vem sempre anteposto, guardando a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

posição da língua de origem. No entanto, se se cria um sintagma paralelo a um sintagma cristalizado existente, mantêm-se as características de posição dos elementos.

> (104) Esclareceu ainda aquele **dirigente *sindical*** que deverá também, iniciar entendimentos com as empresas Viplan, Pioneiras e Alvorada.
> (105) O ***pátrio* poder** era exercido pelo homem, com a ajuda da mulher, até 1997, quando saiu a lei do divórcio.
> (106) Se pátrio é de pai, devia ser era ***mátrio* poder** quando só a mãe é quem dá conta.

Para Neves (*ibidem*), a classe de um adjetivo pode ser determinada pela sua posição no sintagma nominal. Em geral, se duas formas de adjetivo aparecem em sequência, formando um sintagma nominal, o primeiro elemento é referencial, e é, portanto, um substantivo.

> (107) Num quarto que poderia ser e era de um ***santo* mortificado**.
> (santo é o substantivo e mortificado o adjetivo)

Neves (*idem*) apresenta uma seção de particularidades de construções dos adjetivos. Nesta seção ela apresenta sintagmas formados por **substantivo + adjetivo**, **adjetivo + substantivo** quando apresenta um valor unitário, formando uma verdadeira unidade lexical. Estas construções podem se dar com os *qualificadores* e com os *classificadores*.

> (108) Outro elemento que parece sempre muito útil é o **preto velho**. (qualificadores)
> (109) Por fim, existe o problema de **direitos autorais** das imagens.
> (classificadores)

A autora acrescenta que mais do que os adjetivos qualificadores, os classificadores formam um todo semântico com o substantivo que acompanham. O fato de o conjunto se comportar como uma unidade lexical se comprova pelo fato de que pode até ser suposta a existência de uma palavra da língua que apresente o mesmo valor desse conjunto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

(110) Até **choque elétrico** me deram.

Segundo Neves (2000) esta frase é igual a "Até **eletrochoque** me deram". E, acrescenta que, é exatamente por essa possibilidade de formação de unidades lexicais, os adjetivos, tanto *classificadores* como *qualificadores*, podem compor camadas de modificação. Com adjetivos pospostos, essas camadas se formam, sempre, a partir do adjetivo que está mais próximo do substantivo, em direção ao que está mais distante (da esquerda para a direita).

(111) Em doses mais elevadas, a coramina pode estimular o **sistema nervoso central**.
(o sistema é classificado como nervoso, e o sistema nervoso é, subsequentemente, classificado como central.)

Quando dois adjetivos se pospõem, mas vêm separados por vírgula, configura-se uma *coordenação*, e, portanto, não se formam camadas de modificação:

(112) Deixou cair lentamente a mão em meu ombro, o **olhar descrente**, **fixo** adiante, como se atravessasse, para ir morrer nalgum lugar indistinto da noite pontilhada de luzes.

Outra possibilidade apresentada por Neves (*idem*) quanto à formação de camadas, a locução adjetiva, sempre posposta, fica numa camada mais externa que o adjetivo simples, quando ambos coocorrem:

(113) O proprietário contemplava os dançarinos com um **sorriso paternal *de orgulho***.

Neves (*ibidem*) não se limita apenas a estas ocorrências e, acrescenta; um mesmo substantivo pode vir antecedido de um adjetivo e seguido de outro (adjetivo + substantivo + adjetivo).

(114) Do cigarro entre os dedos, fumegante, desprendeu-se um troço de cinza: era agora um ***pequeno* ponto *incandescente***.
(115) ***Honesta* astúcia *meandrosa de regato serrano***.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

> (além de o substantivo vir precedido e seguido de adjetivo, ainda se segue uma locução adjetiva).

Segundo Neves (2000), verifica-se, pela própria posição, que se um dos *adjetivos* é *classificador* e o outro é *qualificador,* o classificador fica na primeira camada, quanto à formação de blocos de significação. Ainda, para Neves (*idem*), isso é determinado pela mais íntima relação de sentido que o classificador tem com o substantivo, já que o conjunto substantivo + adjetivo classificador funciona como uma denominação especificadora, que, a seguir, é qualificada. Essa condição é visível no próprio fato de, nesses complexos, o *classificador* vir posposto e o *qualificador*, anteposto:

> (116) Naquele mesmo ano respondeu a dezessete processos por atentado ao pudor e assalto ao decoro público, um ***novo* recorde *mundial***.
> (***novo***, é o qualificador; ***recorde mundial***, o classificador)

Uma outra especificidade apontada por Neves (***idem***) quanto aos adjetivos qualificadores, é a possibilidade de adjetivos da mesma subcategoria poderem ser coordenados, com ou sem conjunção coordenativa exatamente pela sua maior autonomia de sentido dentro do sintagma nominal:

> (117) Falando, batendo os beiços um no outro, produzia um **som *baixo***, ***confuso***, raramente ***compreensível***.

A seguir, a seção 2.2 fará uma breve exposição do estudo comparativo entre o inglês e o português realizado por Perini (2002). A escolha em mostrar este estudo se baseia no fato de que, em geral, alunos aprendizes de português como língua estrangeira, normalmente, têm conhecimento da língua inglesa devido ao caráter universalista deste idioma.

Segundo Kato (*apud* Bohn, 1998:142-143), o falante de português, em seus primeiros passos de aprendizagem do inglês pode fazer largo uso, e com sucesso, das duas estratégias que adquiriu para falar e compreender sua língua nativa; acreditamos que o mesmo possa ocorrer com um aluno aprendiz de PL2-E que tenha conhecimento da língua inglesa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

Em estudo realizado por Kato (*ibidem*), contrastando-se o português com o inglês, vê-se que ambas são do tipo SVO (sujeito-verbo-objeto), no entanto, cabe ressaltar que as duas línguas, embora sejam do tipo SVO, apresentam suas particularidades. Verificando-se as estruturas modificadoras, na língua inglesa, estas estruturas são bem mais produtivas à esquerda do nome "ao contrário do português que sofre restrições mais severas, o inglês admite que qualquer categoria gramatical apareça como pré-modificador, ao passo que no português apenas o adjetivo pode preceder o nome" (p.148). Uma outra particularidade apontada por Kato, é o fato de a língua inglesa admitir recursividade à esquerda, enquanto no português esta recursividade ocorre à direita; admitindo-se apenas um adjetivo na posição prenominal.

Diferentemente dos compêndios gramaticais citados anteriormente, Perini (2002b) apresenta um estudo mais aprofundado da classe gramatical dos adjetivos. Além das propriedades formais da língua e a natureza das regras exigidas para a descrição de ambas as línguas, o autor estabelece relações entre linguagem e mundo e, atribui a aspectos culturais de um povo, as mudanças semânticas do adjetivo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

2.2
A ordem do adjetivo no sintagma nominal no inglês e no português do Brasil[18]

No inglês, a ordem dos elementos no sintagma nominal (SN)[19] é comparativamente simples. Segundo Perini (2002b)[20], modificadores formados por apenas uma palavra tendem posicionar-se antes do nome principal, e quando introduzidos por preposição, depois do nome.

(118) The **red** *roof* **of the house**.

[18] A tradução do texto é de inteira responsabilidade da autora da Dissertação. Português do Brasil poderá ser substituído pela sigla PB

[19] A abreviatura SN (sintagma nominal) corresponde à abreviatura NP (Noun Phrase).

[20] Perini (2002b:297-326) usa como nomenclatura para a classe dos adjetivos o nome modificador. Todos os exemplos (118) a (177) correspondem à obra citada.

Esta é uma regra geral, porém, existem suas exceções. Não é comum, mas no exemplo (119) o nome está antes do modificador.

(119) **president** *elect*

Outra complexidade imposta pela língua inglesa, em que não se inclui a regra geral, é o fato de ser limitada a ordem entre os modificadores que podem ocorrer antes do nome.

(120) a **nice red** *car*. (forma admitida)
(121) *a **red nice** *car*. (a inversão na ordem dos modificadores não é admitida; portanto, estranha)

Segundo o autor (2002b), o português também apresenta esta complexidade. A ordem dos modificadores em relação ao nome, também, varia o que é normal, mas não equivalente em seus significados.

(122) um **simples** dentista
(123) um dentista **simples**

O exemplo (122) significa “um mero dentista”, assim como o exemplo (123), trata-se da “simplicidade de um dentista”. Perini (*idem*) acrescenta, modificadores introduzidos por preposição ocorrem sempre após o nome, como no inglês não necessita de estudo aprofundado.

(124) o telhado **da casa**

2.2.1
Regras de posição do adjetivo no PB e suas respectivas mudanças semânticas.

Segundo Perini (2002b), quando é possível a anteposição ou a posposição do modificador, sempre ocorre alguma diferença de significado ou em uso no discurso ou entre as duas versões; e em muitos casos quando apenas uma versão é possível, há uma explicação semântica para o fato.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

Segundo o autor, a posição do modificador em relação ao nome frequentemente acarreta uma consequência semântica que pode ser de:

i) Agente

(125) A invasão **japonesa** / * a **japonesa** invasão
'The Japanese invasion'

ii) Paciente

(126) Preservação **ambiental**
'Environmental preservation'

iii) Possessão

(127) O palácio **presidencial**
'The presidential palace'

iv) Autoral

(128) As sonatas **mozartianas**
'The Mozartean sonatas'

v) Proveniência ou origem

(129) O café **brasileiro**
'(The) Brazilian coffee'

vi) Classificação

(130) Um engenheiro **mecânico**
'A mechanical engineer'

vii) Comportamento estereotipado

(131) Um amigo **cachorro**
'A treacherous friend'

O significado da palavra 'cachorro' usada como modificador não pode ser facilmente derivado do seu significado quando usado como nome. Segundo o autor (2002b:314-315), precisamos de informações adicionais acerca de crenças culturais e estereótipos, assim como mais ou menos associações elaboradas: "um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

amigo cachorro" pode ser um amigo, mas não um cachorro literalmente, ou por extensão ser "um amigo que é um cachorro" – de nome "Fido".

viii) Qualificação extensiva

(132) Um *filho* **médico**

'A son (who is a) doctor'

Neste caso pode ser entendido que a pessoa em questão é filho e médico; diferentemente do exemplo anterior.

2.2.2
Limitações semânticas impostas pela posição do adjetivo no PB

A característica semântica que está diretamente relacionada à posição do adjetivo é a *limitação*. Segundo Perini (2002b), como regra geral modificadores antepostos são interpretados como não-restritivos; modificadores pospostos podem ser interpretados como restritivos ou não-restritivos.

(133) O *escritor* **famoso** está no banheiro.

'The famous author is in the bathroom.'

(134) O **famoso** *escritor* está no banheiro.

Embora os modificadores (NPs) destacados, quando traduzidos para o inglês, tenham o mesmo significado, o mesmo não ocorre no PB. No exemplo (133), *o escritor famoso*, podemos nos referir a um entre vários autores, e nós distinguimos este único acrescentando a qualidade 'famoso', portanto, é entendido que ele é o único autor famoso presente (esta é uma leitura restritiva do modificador). Ainda, segundo Perini (*idem*), nós podemos também com a mesma frase nos referir a um único autor presente e acrescentar a informação que ele é famoso (esta é não-restritiva, ou apositiva, leitura).

Porém, no exemplo (134) *o famoso escritor* somente o último significado, não-restritivo é possível. *Famoso* é uma informação extra acrescentada, mas não é a única escolhida pelo autor entre os outros autores. Esta diferença pode ser

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

representada no inglês se usarmos orações restritivas em oposição à oração apositiva.

(135) O escritor **famoso**

'The writer who is famous' or 'the writer, who is famous'

(136) O **famoso** escritor

'The writer, who is famous'

Percebemos não ser muito convincente esta diferença de significado apresentada por Perini para justificar possíveis limitações do adjetivo *famoso*, tendo em vista que não há, em português, elementos linguísticos e/ou culturais que expressem de forma clara alguma diferença de significado para um falante nativo.

Na seção 24.4.3, *Changes in meaning*, Perini (*idem)* apresenta a tabela dos modificadores que podem ocorrer antes ou após o nome, e suas respectivas mudanças de significado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

	Quando anteposto	Quando posposto
simples	'mere'	'simple, naive'
pobre	'poor, unhappy'	'poor, impecunious'
verdadeiro	'real'	'true'
antigo	'former'	'ancient'
certo	'certain'	'correct'
semelhante	'such'	'similar'
caro	'dear'	'expensive' (also 'dear')

Tabela 1[21]

Exemplos:

(137) Uma **simples** criança 'A mere child'

(138) Uma criança **simples** / Um problema **simples**

'A naive child' / 'a simple (=easy) problem'

(139) Um **pobre** refugiado 'A hapless refugee'

(140) Um refugiado **pobre** 'A poor (=impecunious) refugee'

(141) Uma **verdadeira** obra de arte 'A real work of art'

(142) Uma obra de arte **verdadeira** 'A true work of art'

[21] A tabela 1 corresponde à tabela apresentada por Perini (2002b:317-318).

A frase (141) *uma verdadeira obra de arte* refere-se a alguma coisa linda como uma obra de arte sem ser, necessariamente, um trabalho de arte em sentido literal.

Ainda, segundo Perini (2002b), no caso de *novo* ‘new’, *velho* ‘old’ e *antigo* ‘ancient’ a mudança de significado é grande, mas não está necessariamente ligada a ordem. *Novo* e *velho* têm um significado quando posposto e outro quando anteposto ou posposto, tanto que o modificador posposto é ambíguo. Por outro lado, para *antigo* a ambiguidade se dá quando anteposto.

(143) Uma **nova** casa
‘Uma nova (recentemente adquirida) casa’
‘A new (recently acquired) house’

(144) Uma casa **nova**
‘Uma nova (recentemente adquirida ou recentemente construída) casa’
‘A new (recently acquired or recently built) house’

(145) Um **velho** amigo
‘Um amigo de longa data’
‘A long-standing friend’

(146) Um amigo **velho**
‘Um amigo de idade avançada ou um amigo de longa data’
‘An aged friend’ or ‘a long-standind friend’

(147) Um **antigo** escritor
‘A former writer’ or ‘A ancient writer’

(148) Um escritor **antigo**
Somente ‘An ancient writer’

Para Perini (*ibidem*), os modificadores antepostos tendem a adquirir significado junto com seu nome. Porém, em alguns casos, o significado não é influenciado para generalização; a palavra *grande* pode ocorrer antes ou depois do substantivo, mas com mudança radical de significado. Vejamos os exemplos:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

(149) Um **grande** homem
'a great man' não 'a large man'

A anteposição da palavra *grande* se refere a um homem de qualidades excepcionais e não a um homem de alta estatura. Somente a posposição de *grande* dá o significado de alguém de estatura alta.

(150) Uma **grande** cidade
'a large city' or 'great city'

Ao contrário do exemplo anterior (150), a anteposição da palavra *grande* admite os dois significados: uma cidade de qualidades excepcionais, assim como uma cidade de grandes dimensões. Porém, a posposição de *grande* só admitirá o significado referente às dimensões da cidade (151), assim como a estatura do homem (152). No último exemplo (153), a anteposição de *grande* não acarreta mudança de significado.

(151) uma cidade **grande**
'a large city'
(152) um homem **grande**
'a large, big man'
(153) um **grande** edifício

Ainda, segundo Perini (2002b), esta tendência explica a emergência de diferentes significados na sequência modificador + nome até mesmo com itens que não, como a regra, muda seu significado quando anteposto, e exemplifica:

(154) um funcionário **alto** 'a tall civil servant'
(155) um **alto** funcionário 'a top civil servant'

Perini (*ibidem*, p.320), na seção 24.4.4, sob o título *Evaluatives*, acrescenta que frequentemente é dito que modificadores em posição anteposta também transportam um significado subjetivo. Embora, o autor ache esta afirmação vaga, ele acredita que possa haver um fundo de verdade. Segundo ele, podemos focar de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

melhor maneira dizendo que modificadores tendem a expressar a avaliação pessoal da qualidade do falante, e exemplifica:

(156) salários **altos**
(157) **altos** salários
'high salaries'

Na primeira frase (156) não está expressa a opinião do falante, é apenas uma constatação. Contudo, na segunda frase (157), está expressa não só a ideia de que os salários são altos, mas também a ideia de que os salários são mais altos do que o esperado, ou excessivamente altos para o trabalho em questão. Ao contrário do que acontece na língua portuguesa, na língua inglesa o modificador 'high' aparece apenas na posição anteposta, característica comum desta classe gramatical.

Na seção seguinte, 24.4.5 abordada por Perini (*ibidem*), *Expectation of adequacy* (Expectativa de adequação), o autor apresenta, finalmente, a característica semântica que é achada frequentemente em modificadores antepostos. Isto é, a expectativa de que a qualidade expressa pelo modificador é particularmente adequada para a entidade referida pelo nome. O autor cita como um bom exemplo:

(158) uma madrasta **cruel** / uma **cruel** madrasta
' a cruel stepmother'
(159) uma mãe **cruel** / *uma **cruel** mãe

Segundo Perini (2002b), o modificador *cruel* pode coocorrer com o nome *madrasta* nas duas posições: anteposta ou posposta (158). Porém, com a palavra *mãe* o modificador *cruel* só é aceitável na posição posposta.

Ainda, segundo Perini (*idem*), a razão é que há culturalmente uma expectativa condicionada que madrastas são cruéis, enquanto mães são esperadas ser amáveis e ternas. A crueldade é parte do conceito cultural estereotipado da madrasta, no entanto não é parte do conceito cultural para a mãe, embora ninguém acredite que madrastas sejam realmente cruéis. Portanto, *cruel* não pode aparecer

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

anteposto com o nome *mãe* por não ser adequado particularmente para mães. Segundo o autor**,** um modificador pode ser anteposto quando há uma expectativa de adequação ligada ao seu nome; de outra maneira, anteposto dá um resultado delicado ou inaceitável.

Em determinado número de frases feitas, a ordem é fixa sem nenhum discernimento semântico ou razão textual. Não são propriamente frases idiomáticas porque os dois elementos preservam seus significados normais (*normal meaning ibidem,* p.322), somente a ordem é fixa.

(159) **doce** ilusão
(160) **Santa** igreja
(161) **baixa** renda

Todos os modificadores acima podem aparecer em posição posposta, mas não nestas frases específicas.

Quando um modificador é expandido (usualmente pelo significado de um elemento adverbial ou uma frase preposicionada) normalmente é posposto ao nome:

(162) Comprei um vestido **lindo de morrer**.
(163) Essa é uma marca **bem boa**.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

2.2.3
A ordem dos modificadores em relação a um e outro

Segundo Perini (2002b), um nome pode ser seguido por mais de um modificador e, em alguns casos, a ordem deste modificador não é indiferente. Segundo o autor, modificadores expressam um número diferente de relações semânticas, entre estas a *classificação* e a *qualificação*.

Para o linguista, só é perceptível a diferença entre modificadores classificadores e qualificadores quando os dois tipos ocorrem em um sintagma nominal; o classificador deve ser contínuo ao nome (sempre depois dele) e o qualificador vir após o classificador.

(164) Um engenheiro **civil** (classificador) **simpático** (qualificador)

‘A *nice civil* engineer’

No inglês, a ordem é reversa: o qualificador vem primeiro e classificador deve ocorrer contínuo ao nome. Na referida língua não é admitida a sequência ‘A *civil nice* engineer’. No português, a inversão da ordem entre classificador e qualificador gera uma outra interpretação semântica: *Um engenheiro* ***simpático civil*** é um engenheiro simpático, agradável cuja formação não é militar.

No entanto, nem sempre poderá ocorrer mudança de ordem, a mudança pode gerar uma proposição inaceitável:

(165) Doente **mental incurável**
* Doente **incurável mental**

Ainda, segundo Perini (*idem*), a sequência de **nome + classificador** pode ser considerada como intermediária entre “livre” sequência de **nome + (qualificador) modificador**, por um lado, e nominal composto por outro.

(166) engenheiro **simpático**
‘nice engineer’

Simpático modifica engenheiro diretamente, e assim pode ser usado a mesma palavra em uma construção predicativa:

(167) esse engenheiro é simpático
‘this engineer is nice’

Mas na sequência de **nome + classificador**, como *engenheiro mecânico*, o modificador exige algo mais: o próprio engenheiro não é mecânico.

Se for dito *esse engenheiro é mecânico* ‘ this engineer is mechanical, *mecânico* irá se referir a engenheiro diretamente, e assim, gerar a interpretação de que o engenheiro é um robô.

A sequência de **nome + classificador**, diferentemente de sequências de **nome + qualificador** são interpretadas como frases feitas, não produzidas espontaneamente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

Perini (2002b) apresenta como outro fator que governa a ordem dos modificadores, a *carga informacional* de cada modificador: o modificador mais informacionalmente relevante vem por último. Para o referido autor, este é um fator discursivo e pode ser totalmente exemplificado somente num contexto de sequências maiores do que em um único sintagma nominal (NP) ou até em sentenças.

(168) Uma moça **alta maravilhosa**
'A wonderful tall girl'

Os dois modificadores *alta* e *maravilhosa* já têm um potencial diferente de carga informacional. *Maravilhosa* é tido como o mais relevante modificador por ser (semanticamente) um superlativo. Portanto, a ordem inversa pode soar estranha:

(169) *Uma moça **maravilhosa alta**.

Uma vez este NP inserido num contexto maior, pode fazer com que *alta* torne-se a peça mais relevante de informação, como em:

(170) Dizem que todas as moças bonitas são baixinhas.
Mas eu conheço uma moça **maravilhosa alta**.
'People say that all pretty girls are short. But I know a wonderful tall girl.'

Perini (2002b) ainda apresenta um terceiro fator que governa a ordem dos modificadores em uma relativa inclusão de modificadores envolvidos. Segundo o autor, um modificador restringe tipicamente a extensão de um substantivo, tanto que um **nome + modificador** referem-se para um grupo menor do que o próprio nome causando assim, um aumento de restrição. Quando dizemos *cavalo* 'horse' nos referimos a qualquer cavalo, mas em *cavalo branco* 'white horse' apenas uma subclasse de cavalos é denotada. O aumento de restrição é adicionado: cavalo *branco velho* 'old white horse' refere-se ao subgrupo de todos os cavalos brancos.

Para o autor em alguns casos, a ordem do modificador é indiferente:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

(171) Um vestido **novo importado**
‘A imported new dress’
(172) Um vestido **importado novo**
‘A new imported dress’

Esta inversão é possível quando dois modificadores não são relacionados em termos de inclusão, pois um *vestido importado* não é necessariamente um *vestido novo*, assim como um vestido novo não é necessariamente importado. Vejamos no exemplo a seguir a relação de inclusão.

(173) Essa escola **pública federal**
‘This federal public school’
(174) * escola **federal pública**

No Brasil, toda escola federal sempre é pública; em outras palavras, escolas federais é um subgrupo de todas as escolas públicas. A frase (174) torna-se, portanto, inaceitável.

Os modificadores quando compostos por preposição ou ‘prepositional phrase’ (PP) e o sintagma nominal ‘noun phrase’ (NP) tem dois modificadores, regularmente o modificador composto por preposição vem no final. Vejamos o exemplo:

(175) As praias **maravilhosas do Nordeste**.
‘The wonderful beaches of the northeast’

A conversão da ordem ocorre em casos especiais. O fator que motiva a posposição de um único nome após uma PP são, primeiro, a presença de uma alta carga informacional no nome. Vejamos o exemplo:

(176) Na rua só havia *casas* **antigas**; a exceção era uma *casa* **de tijolos nova**, bem na esquina.
‘the street had only ancient houses; the exception was a new brick house, right on the corner.’

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

Outra situação em que o nome pode ser posposto ao sintagma preposicional, é quando o PP é um classificador.

(177) Um motorista de táxi **idoso.**

2.3
Principais características do adjetivo na língua inglesa

Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999)[22] definem os adjetivos como palavras que descrevem a qualidade dos nomes. Diferentemente da língua portuguesa, na língua inglesa, os adjetivos não apresentam flexões para pessoa ou flexões de número e gênero com os nomes; embora, alguns apresentem morfemas flexionais para as formas do grau comparativo e superlativo tais como: happ**y**, happi**er**, happi**est**.

Quanto à posição, os adjetivos ocorrem comumente entre o *determinante* e o *nome*, ou após o cópula *be* ou outros cópulas ou verbos de ligação, embora, eles também possam estar após um nome. Os adjetivos têm como função modificar ou completar um nome. Existem dois tipos de adjetivo: *atributivo*, que antecede o nome, e *predicativo*, que segue verbos de ligação. Vejamos os exemplos abaixo:

Atributivo: (178) *The* **old** *bucket* sprang a leak.
Predicativo: (179) He *became* **angry** at the very thought.

Outra característica importante no uso dos adjetivos da língua inglesa é a possibilidade de permitir mais de um adjetivo atributivo na sequência da estrutura frasal. Bailey (1975 *apud* Celce-Murcia e Larsen-Freeman, 1999:393) após investigação empírica da ordem do adjetivo atributivo no inglês apresentaram a seguinte ordem para os adjetivos e suas respectivas subcategorias. Vejamos os exemplos a seguir:

[22] Cf. Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999:381) os exemplos (178) e (179). A tradução do texto é de inteira responsabilidade da autora da Dissertação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

1	2	3	4	5	6
The	poor	little	pink	plastic	Doll

Tabela 2[23a]

1. determiner (determinante)
2. subjective or evaluative adjective (adjetivo subjetivo ou avaliativo)
3. measurement adjective (adjetivo de medidas)
4. coloration adjective (adjetivo de cores)
5. material adjective (adjetivo de material)
6. head noun (nome ou substantivo)

Svatko (1979 *apud* Celce-Murcia e Larsen-Freeman, 1999), baseando-se nos estudos de Praninskas (1975:262 ***ibidem*** p.393), detalhou mais características semânticas do que Bailey (1975).

det	**opinion**	**size**	**shape**	**condition**	**age**	**color**	**origin**	**Noun**
an	ugly	big	round	chipped	old	blue	French	Vase

Tabela 3[23b]

Segundo Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), Praninskas e Svatko ressaltam que a sequência de mais do que três adjetivos raramente ocorrem na fala ou na escrita, e que a sequência de dois adjetivos são mais típica.

Finalizando este capítulo, já podemos observar o quão diferente é a posição dos adjetivos na língua inglesa em relação à língua portuguesa. A seguir, apresentaremos a análise realizada nos manuais didáticos destinados ao ensino de português para estrangeiros.

2.4
O adjetivo nos materiais didáticos de PL2-E

Sabemos que o material didático (MD) é apenas um dos recursos disponíveis para o ensino de uma língua estrangeira. Partindo da concepção de linguagem como uma *práxis social*, esta visão subjacente à prática do professor o

[23a-b] Cf. Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999:393-394)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

direcionará nas escolhas das atividades, assim como na escolha do material didático que se propõe ao ensino da língua alvo.

É sabido que além da estrutura gramatical é necessário que o aprendiz de língua estrangeira desenvolva a competência comunicativa na língua alvo. Na concepção de Hymes (1972 *apud* Moraes Bezerra 2000) existem regras de uso sem as quais as regras gramaticais seriam inúteis. Segundo a proposta de Hymes (1972), a competência comunicativa deve abarcar quatro elementos respectivamente: possibilidade gramatical, viabilidade, adequação ao contexto e real utilização.

Segundo Freire (1989:6 *apud* Moraes Bezerra 2000:3) são estes elementos que nos levam a compreender e, acrescenta:

> Uma pessoa comunicativamente competente é aquela que conhece e usa não apenas os aspectos fonológicos, sintáticos e léxicos de sua língua, mas também conhece e utiliza as regras de interação para uma comunidade de fala específica na qual está envolvido.

As propostas de Hymes (1972) e Freire (1989) alinham-se à concepção filosófica de Wittgenstein (1989), pois para o filósofo a linguagem não deixa de ser uma prática normativa tendo em vista que o uso das palavras não é destituído de regularidade.

Não diferentemente das concepções apresentadas anteriormente, o material didático construído dentro de uma abordagem comunicativa deve apresentar as estruturas e regras linguísticas necessárias ao uso comunicativo da língua a ser ensinada. Acreditamos que dentro dos limites e complexidade apresentados à edição do MD, os exercícios gramático-estruturais devem congregar elementos da cultura, assim como elementos linguísticos contextualizados objetivando tornar o aprendiz proficiente na língua alvo.

Na sequência, apresentaremos a abordagem da classe gramatical dos adjetivos nos MDs. Dividido em vinte unidades, as autoras do livro *Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação* (2000) apresentam como proposta para as atividades, a promessa de aprendizagem do português do Brasil falado como realmente ele é; porém, sem deixar de lado referências à Gramática Normativa. Para atingir seus objetivos, as autoras se propõem a trabalhar com expressões coloquiais mais usadas, dialetos regionais, vocabulário, além de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

elementos culturais e um pouco da história da sociedade brasileira. Eles têm como foco central, a comunicação.

O livro apresenta na primeira unidade, de forma muito genérica, sob o título *Prazer em conhecê-lo* a subunidade *Estudo de...*, as classes gramaticais da língua portuguesa (cf. p.2).

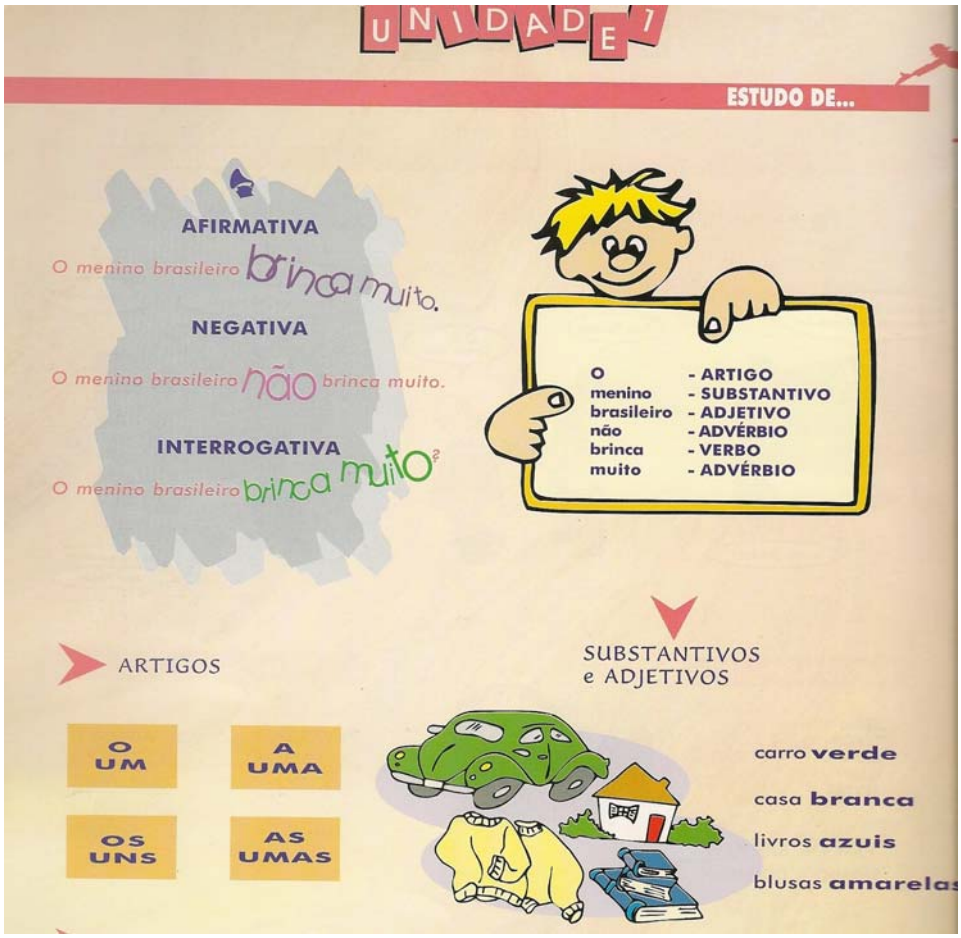


Figura 1

Na unidade três (cf. p. 25 e 26), as autoras voltam a apresentar apenas o grau dos adjetivos; ao final da página 26 apresentam, em forma de pares ordenados, uma lista de adjetivos mais usados.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

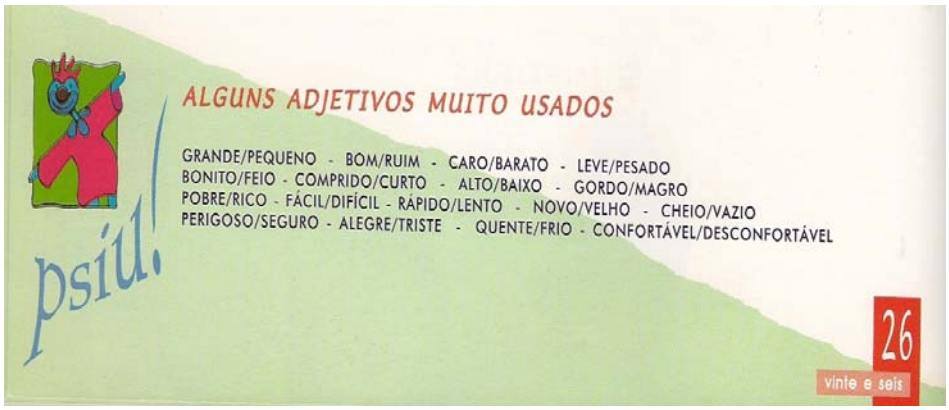
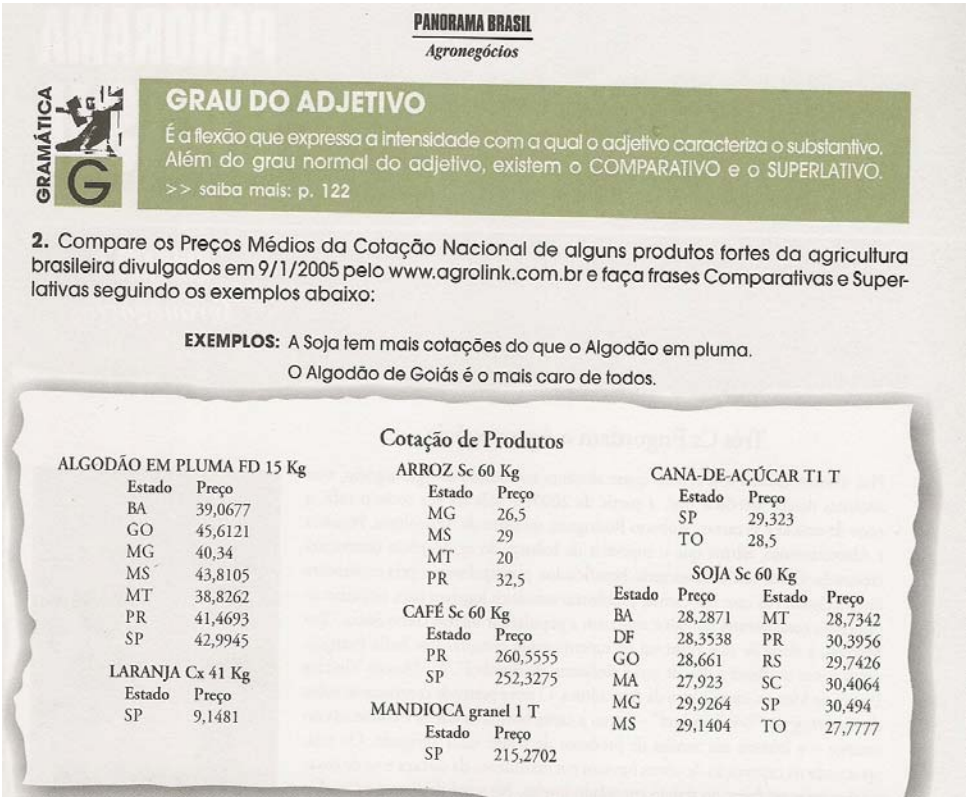


Figura 2

O livro didático *Panorama Brasil: Ensino do português do mundo dos negócios* (2006) indicado para alunos dos níveis *intermediário* e *avançado* apresenta como proposta para o ensino / aprendizagem do português do Brasil mostrar um retrato atual do país e suas diversidades sociais, culturais e econômicas. O livro está dividido em dez unidades. As autoras sempre apresentam um texto para introduzir o estudo da gramática. Logo, na primeira unidade, após o texto *Agronegócios*, a primeira chamada para gramática é destinada ao grau do adjetivo. Nenhuma definição é dada a esta classe gramatical, nem tampouco é apresentada no texto alguma forma de utilização da classe dos adjetivos. O aluno é convidado a produzir sentenças comparativas e superlativas através dos dados fornecidos em uma tabela.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA



PANORAMA BRASIL
Agronegócios

GRAMÁTICA

GRAU DO ADJETIVO

É a flexão que expressa a intensidade com a qual o adjetivo caracteriza o substantivo. Além do grau normal do adjetivo, existem o COMPARATIVO e o SUPERLATIVO.

>> saiba mais: p. 122

2. Compare os Preços Médios da Cotação Nacional de alguns produtos fortes da agricultura brasileira divulgados em 9/1/2005 pelo www.agrolink.com.br e faça frases Comparativas e Superlativas seguindo os exemplos abaixo:

EXEMPLOS: A Soja tem mais cotações do que o Algodão em pluma.
O Algodão de Goiás é o mais caro de todos.

Cotação de Produtos

ALGODÃO EM PLUMA FD 15 Kg

Estado	Preço
BA	39,0677
GO	45,6121
MG	40,34
MS	43,8105
MT	38,8262
PR	41,4693
SP	42,9945

LARANJA Cx 41 Kg

Estado	Preço
SP	9,1481

ARROZ Sc 60 Kg

Estado	Preço
MG	26,5
MS	29
MT	20
PR	32,5

CAFÉ Sc 60 Kg

Estado	Preço
PR	260,5555
SP	252,3275

MANDIOCA granel 1 T

Estado	Preço
SP	215,2702

CANA-DE-AÇÚCAR T1 T

Estado	Preço
SP	29,323
TO	28,5

SOJA Sc 60 Kg

Estado	Preço	Estado	Preço
BA	28,2871	MT	28,7342
DF	28,3538	PR	30,3956
GO	28,661	RS	29,7426
MA	27,923	SC	30,4064
MG	29,9264	SP	30,494
MS	29,1404	TO	27,7777

Figura 3

Acreditamos que as autoras pressupõem que os alunos já tenham uma boa proficiência em língua portuguesa; pois, segundo elas, *Panorama Brasil* irá preencher uma importante lacuna no mercado editorial, focando todo o trabalho no Ensino do Português do mundo dos negócios. Autoras do livro *Bem-Vindo! A língua portuguesa na comunicação* julgam ser, *Panorama Brasil*, um livro completo e interessante para seu público.

O terceiro livro pesquisado *Avenida Brasil: curso básico de português para estrangeiros* (1991), dividido em doze lições, destina-se a estrangeiros de qualquer nacionalidade que pretendem comunicar-se com brasileiros e participar de sua vida cotidiana. As autoras apresentam como método de ensino o método comunicativo-estrutural, pois acreditam levar os alunos, a partir de suas experiências pessoais, a envolver-se e a participar do processo de aprendizagem assegurando-lhes a compreensão e o domínio da estrutura da língua.

A lição sete (p.66) é apontada no índice para apresentação da classe dos adjetivos: superlativo absoluto. Na página 70, os autores apresentam uma tabela para expor os adjetivos no grau superlativo. Em seguida, na página 71, o exercício (2) propõe ao aluno fazer uma descrição da sua casa e, como motivação, apresenta

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

um quadrinho com a sentença: *A minha casa tem uma sala clara, dois banheiros bonitos...*

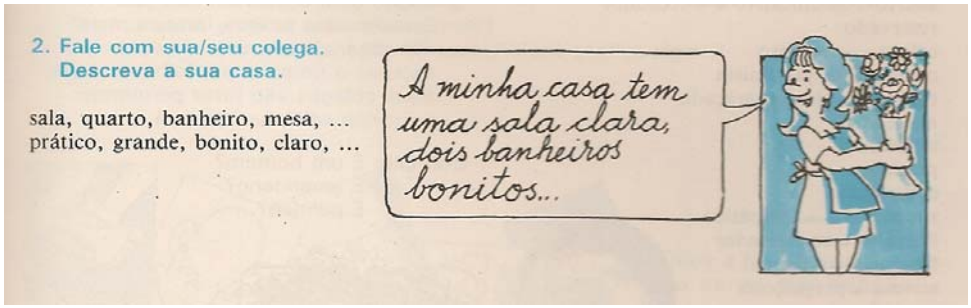


Figura 4

Na página seguinte (72), o aluno é estimulado a descrever a foto de um homem, e para tanto é apresentada uma lista de palavras que servirão para caracterizar o homem da foto. Como tarefa para fazer em casa, o aluno é orientado a escolher fotos em revistas e acrescentar características às pessoas fotografadas.

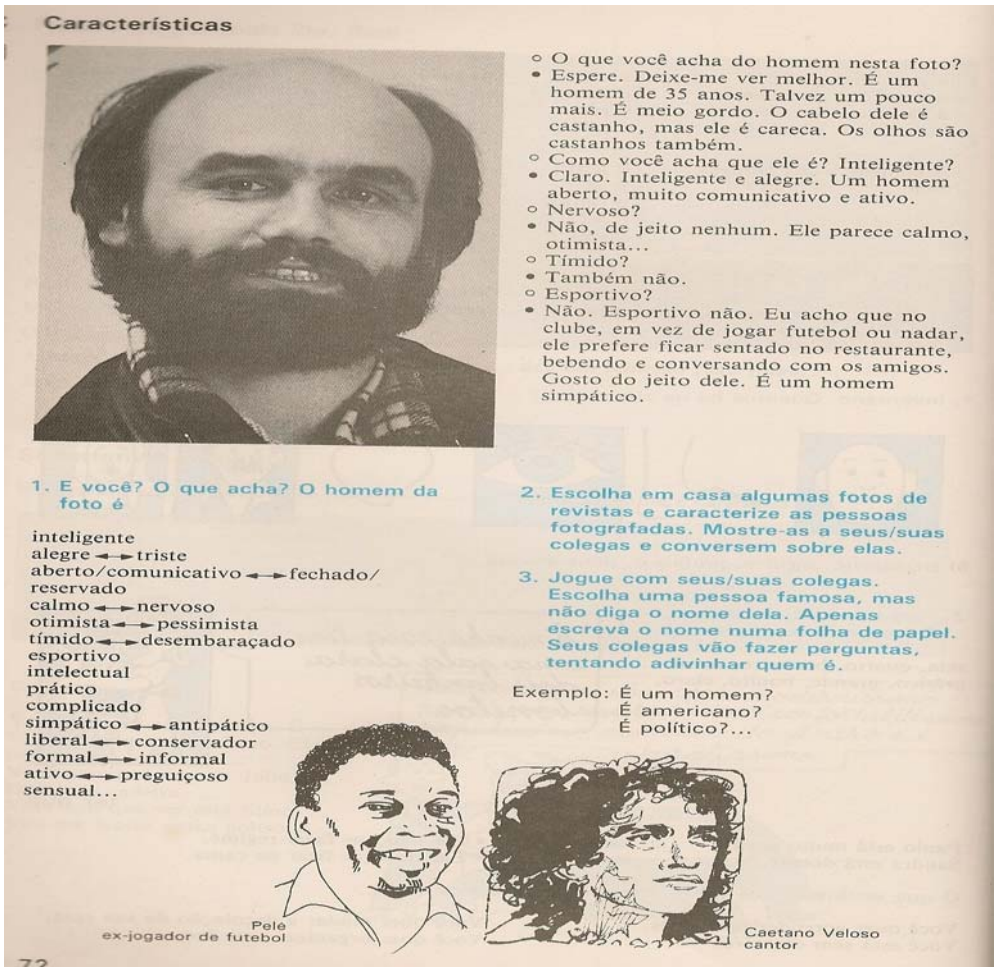
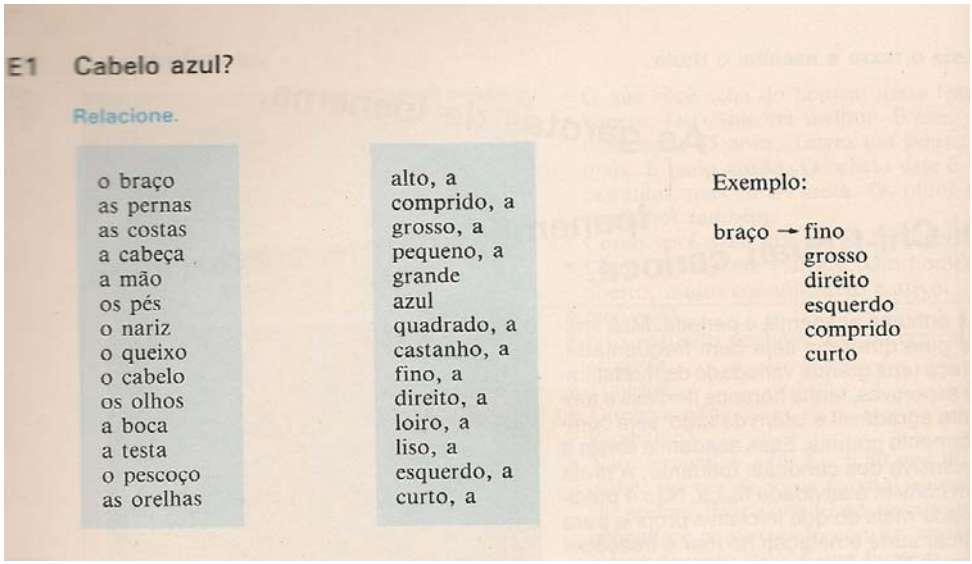


Figura 5

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

Na página 74, uma outra lista é apresentada para relacionar partes do corpo humano as suas respectivas “características”.



E1 Cabelo azul?

Relacione.

o braço	alto, a	Exemplo:
as pernas	comprido, a	
as costas	grosso, a	braço → fino
a cabeça	pequeno, a	grosso
a mão	grande	direito
os pés	azul	esquerdo
o nariz	quadrado, a	comprido
o queixo	castanho, a	curto
o cabelo	fino, a	
os olhos	direito, a	
a boca	loiro, a	
a testa	liso, a	
o pescoço	esquerdo, a	
as orelhas	curto, a	

Figura 6

Após esta breve análise, percebemos que as proposta apresentadas pelos autores dos MDs não se alinham com a proposta de Hymes (1972) quanto à abordagem comunicativa. Verificamos que não existe adequação ao contexto de real utilização da classe gramatical dos adjetivos no PB. Como podemos ver, o livro *Bem-Vindo!* mostra de maneira muito simplória o adjetivo posposto ao substantivo sem que haja nenhuma menção quanto a possibilidade de anteposição desta classe gramatical. A lista de adjetivos apresentada pelas autoras, apenas mostra uma oposição entre um adjetivo e outro, não há elementos culturais nas formas de utilização destes adjetivos nem tampouco elementos linguísticos contextualizados que justifiquem uma abordagem comunicativa para esta classe de palavras.

O livro *Panorama Brasil*, mesmo sendo destinado ao nível intermediário e avançado, não faz menção à classe gramatical dos adjetivos. Achamos que até por atender a estes dois níveis, textos mais complexos serviriam como elementos de contextualização para mostrar as regras de utilização da classe dos adjetivos, assim como suas limitações e elementos culturais que justificam nossas crenças e estereótipos.

O terceiro livro analisado *Avenida Brasil* apresenta textos que fogem a realidade de nossas escolhas linguísticas. A frase apresentada no quadrinho para

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

descrever a nossa casa é um desses exemplos. Sabemos que a linguagem vista como *práxis* não exclui a gramática, o livro não menciona a classe gramatical dos adjetivos, suas possibilidades de uso e suas limitações. Mais uma vez, o livro didático resume a classe gramatical dos adjetivos à lista de ocorrências. A falta de textos jornalísticos ou retirados da mídia faz com que a apresentação da gramática e dos exercícios fuja muito da nossa realidade linguística. Portanto, concluímos que mesmo quando os MDs se propõem a uma abordagem comunicativa não apresentam elementos contextualizados ou elementos da cultura brasileira para justificar ou explicar nossas formas de uso do PB.

Após extensa apresentação das definições encontradas nos compêndios gramaticais e nos MDs destinados ao ensino de português para estrangeiros, acerca dos aspectos estruturais referentes à classe gramatical dos adjetivos, daremos continuidade à segunda parte deste capítulo apresentando os textos teóricos pertinentes à análise final que pretendemos desenvolver nesta pesquisa.

A partir de uma perspectiva inserida nos estudos da Filosofia da Linguagem, apresentaremos os pressupostos teóricos e filosóficos que privilegiam uma visão pragmática da linguagem baseada nas leituras de Wittgenstein (1989) abordadas por Scherer (2002). Acreditamos que, à luz das reflexões wittgensteiniana, teremos elementos que nos permitirão chegar a conclusões mais abrangentes acerca do assunto analisado nesta pesquisa.

Em seguida, discorreremos sobre o conceito de cultura de acordo com a Antropologia Linguística (Duranti, 1977) e com a Antropologia Social (Cuche, 2002; DaMatta, 1984; Holanda, 2002), cujas perspectivas se ajustam aos princípios filosóficos da teoria pragmática. Por último, teceremos algumas considerações sobre o conceito de *Face* da Sociolinguística Interacional (Goffman, 1980 e Brown e Levinson, 1987).

Com base nestas quatro correntes teóricas que apresentaremos**,** corroboramos a afirmação de Rajagpopallan (1996:106 *apud* Scherer, 2002:21) que afirma que a linha divisória que separa os linguistas que se interessam pela questão da significação e os filósofos que se interessam pela linguagem está se tornando cada vez mais tênue e, que no entendimento de muitos acadêmicos, trata-se de uma barreira puramente institucional. A esta linha divisória, incorporamos o conceito de cultura buscando alicerces mais sólidos para a análise da posição dos adjetivos no português do Brasil.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

2.5
A concepção de linguagem segundo os princípios filosóficos da pragmática

A princípio, as especulações quanto à origem da linguagem eram consideradas em termos de duas controvérsias, que se relacionavam entre si: a natureza/anomalia (*phýsis*) e convenção / analogia (*nómos ou thésis*). Nas teorias contemporâneas do significado, de certa forma, se mantém implícitos os mesmos questionamentos acerca da linguagem apresentados pelos gregos. Ora a linguagem é tida como um organismo natural, como na teoria de Darwin, que independentemente da vontade dos falantes, atravessava os períodos de crescimento, maturidade e decadência; ora é tida como meio de expressão individual, como na concepção idealista; ou ainda, a linguagem é tida como o lugar de materialização de nossos consensos.

Nas teorias contemporâneas do significado, cuja inclinação é pragmática, a ênfase se dá na relação entre linguagem e uso, discurso e história. Ou seja, "o lingüista quer conhecer precisamente em quê e por quê houve diferenças na execução, de que formas ela se manifestaram e que efeito tiveram sobre o público ouvinte" (Weedwood, 2006:116). Neste sentido, a pragmática é entendida como uma ciência que estuda os fatores que regem nossas escolhas linguísticas na interação social e os efeitos dessas escolhas sobre as outras pessoas.

Para os filósofos contemporâneos da linguagem, na pragmática, a construção do sentido e da verdade não se dá "naquilo que captamos mentalmente quando usamos uma expressão" (De Cherchia, p.40) nem tampouco "define o significado em termos de verdade e referência" (*ibidem*), mas "qualifica o significado como uma práxis social, assimilando-o à maneira como as expressões são usadas" (*ibidem*, p.43). Segundo esta teoria, "para conhecer o significado de uma palavra é preciso enfronhar-se na história da comunidade linguística que a usa. Também é verdade que as palavras e sintagmas podem ser usados de maneira muito diversificada, e quase sempre o são" (*ibidem*, p.44). A linguagem é um espaço onde os consensos se realizam, não serve como instrumento para trocar informação, mas como um espaço político de informação.

A linguagem vista como um conjunto de práticas, não alinha significante, não é apenas um sistema para representar um sistema de coisas, mas uma experiência prévia (coletiva, social, cultural); portanto, não há como ter um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

inventário da linguagem, pois nada é fixo e não se estabiliza “pois se todos, de tudo guardassem a memória do que se passou e pudessem prever presente e futuro, o discurso permanecendo o mesmo, não iludiria de um mesmo modo” (Górgias *apud* Documentos, p.298). A linguagem não se comunica com o ser exterior a nós. O ser exterior a nós não pode tornar-se nosso discurso devido à incomunicabilidade entre as palavras e as coisas “o discurso é ‘comemorativo’ do de fora, é o de fora que se torna revelador do discurso” (Sexto Empírico p.289).

2.5.1
A visão pragmática da linguagem

Segundo Wittgenstein (1989), a linguagem é concebida como um jogo que não suprime a ideia de um sistema regulado pelas práticas deste jogo, sujeito à mudança e, que pode mudar de acordo com as circunstâncias. Essa teoria não se alinha aos princípios de composicionalidade (Frege, 1976 *apud* De Cherchia 2003:39-41), cujo princípio, “o significado de uma expressão complexa depende de modo regular do significado das expressões que a compõe e do modo como elas são combinadas sintaticamente”, nem ao princípio de imanência (abordagem mentalística), cujo “significado é essencialmente um modo pelo qual representamos mentalmente a nós mesmos o conteúdo daquilo que se diz”, ou que está inseparavelmente contido na natureza de um ser; nem tampouco nos princípios de universalidade ou de figuratividade.

As reflexões filosóficas Wittgensteiniana apresentam a linguagem como um conjunto de práticas complexas, reguladas e compartilhadas por indivíduos de uma comunidade não homogênea. Segundo Scherer (2002:21), Wittgenstein introduz o conceito de *jogos de linguagem* definindo-o como “o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada”. Assim, o filósofo ressalta a ideia que o uso da linguagem não se pode dissociar do comportamento não lingüístico ao seu ambiente natural e considera “indissolúvel o vínculo entre a linguagem e as atividades humanas que entretecem essa ‘nossa complicada forma de vida’” (cf. Martins, 1999:8-22).

Como observa Scherer (2002:22), Wittgenstein nos convida a renunciar ao compromisso com a ideia de que aquilo que estabiliza a linguagem é um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

conjunto de regras definido e explicitável, precisa e, exaustivamente, capaz de prever o seu funcionamento.

> Segundo o autor, ao superlativizarmos as regras, pretendemos alcançar uma visão panorâmica do comportamento lingüístico, uma vez fixadas, apresentam-se para nós como absolutas, ou seja, como capazes de abarcar o funcionamento da linguagem de um vez por todas e independentemente de toda experiência futura. Assim, quando as seguimos e "as coisas não se passam como havíamos suposto" (IF125), nos surpreendemos por não contarmos com a possibilidade de as coisas se passarem diferentemente – e isso porque "nos aprisionamos, por assim dizer, em nossas próprias regras" (*idem*).

De acordo com o pensamento de Wittgenstein, embora a regra nos sirva como um *indicador de direção***,** não deve haver neste indicador "um ideal de axatidão, e a vagueza e a dúvida são aceitas" (cf. Scherer 2002:23).

Baker & Hacher (1984) compartilham com Wittgenstein a ideia de que a linguagem é uma atividade governada por regras, porque é uma prática de usar signos de acordo com regras, estas possibilitam explicar, criticar e justificar nossos usos de palavras, quando necessário. Não infligimos às regras, pois, segundo os autores, "o mundo social que habitamos é feito de fenômenos normativos" e, portanto, segundo Wittgenstein, não é surpreendente que uma "forma característica de explicação do comportamento humano seja a explicação normativa" (cf. Scherer).

Para Wittgenstein (1989), a linguagem não deixa de ser uma prática normativa tendo em vista que o uso das palavras não é destituído de regularidade, no entanto, é preciso ressaltar que "a prática é regulada pelos usos herdados, por compartilhamos inexoravelmente as mesmas formas de vida".

Esta concepção de linguagem nos será útil nesta pesquisa, tendo em vista que as mudanças de posição do adjetivo e, consequentemente, suas mudanças semânticas ocorrem como um jogo em que as regras são estabelecidas e compreendidas de acordo com as circunstâncias em que estão inseridas.

2.6
O conceito de cultura

No que tange à Antropologia Social, de acordo com Cuche (2002:9), o homem é um ser essencialmente cultural e a noção de cultura se torna um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

instrumento necessário para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. Segundo o autor, esta noção se aplica essencialmente ao que é humano e oferece a possibilidade de conceber a unidade do homem na diversidade de seus modos de vida e de crença.

Ainda, segundo o autor, os conceitos de cultura e identidade são conceitos que remetem a uma mesma realidade, porém, vista por dois ângulos diferentes, pois a defesa da autonomia cultural é muito ligada à preservação da identidade coletiva. Para ele, a cultura é algo que não se decreta e não pode ser manipulada como um instrumento vulgar, pois está relacionada a processos extremamente complexos e, na maior parte das vezes, inconscientes. Dentre as disciplinas que fazem uso da noção de cultura estão a antropologia, a sociologia e a linguística.

> Não se pode, pura e simplesmente confundir as noções de cultura e de identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação. Em última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas (*ibidem*, p 176).

Para Cuche (*ibidem*, p.182), a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e, por isso, mesmo orientam suas representações e escolhas. Esta identidade não se constitui uma ilusão por ser dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais. Segundo Barth (1969 *apud* Cuche 2002), deve-se entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre os grupos sociais. Para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados por membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Esta concepção adotada por Barth (*idem*) privilegia as interações entre os grupos no processo de construção da identidade, a identidade se constrói e reconstrói constantemente no interior das trocas sociais.

Levi-Strauss (1958 *apud* Cuche, 2002:94), por sua vez, sublinha a complexidade das relações entre linguagem e cultura, afirmando ser esta relação uma das mais complicadas que existem.

Para o referido autor, ora a linguagem é tratada como *produto* da cultura, em que a língua em uso reflete a cultura geral da população, ora é tida como *parte*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

da cultura, constituindo um de seus elementos. Também, pode-se tratar a linguagem como *condição* da cultura, do ponto de vista diacrônico, a medida em que o indivíduo adquire a cultura de seu grupo. E, sob o ponto de vista teórico a cultura possui uma arquitetura similar ao da linguagem; pois, ambas se edificam por meio de oposições e correlações, isto é, por relações lógicas.

Por sua vez a Antropologia Linguística considera a linguagem como prática cultural. Segundo Duranti (1977:24), a cultura distinta da natureza "é aprendida, transmitida de geração a geração, através de ações humanas, freqüentemente em interações face a face". Esta visão de cultura como algo aprendido contrasta com a visão de comportamento humano como um produto da natureza. Dentro desta perspectiva, a língua é parte da cultura, ou seja, as línguas categorizam o mundo natural e cultural de maneiras úteis. São sistemas ricos de classificação (taxonomias) que podem dar pistas importantes sobre como estudar práticas e crenças culturais particulares.

Segundo Bucholtz e Hall (*apud* Duranti, 2004:377), a Antropologia Linguística tem em Bourdieu (1977b) seu maior representante. Bourdieu trata a cultura no sentido antropológico recorrendo ao conceito de "habitus" e enfatiza a relação inextricável entre conhecimento e ação no mundo, condições passadas e presentes. Para ele, os atores sociais não são nem completamente o produto de condições materiais externas (econômico e ecológico), nem tópicos intencionais, conscientes e sociais, cujas representações mentais são auto-suficientes:

> A teoria da prática como prática insiste, em oposição ao materialismo positivista, que os objetos de conhecimento são constituídos, e não passivamente registrados. E, em oposição ao idealismo intelectual, que os princípios dessa construção é o sistema de disposições estruturadas e estruturantes, o *habitus*, que é constituído em prática e é sempre orientada na direção das funções práticas. (Bourdieu, 1990:52 *apud* Duranti, 1997).

Bourdieu (1980) considera a linguagem mais como prática do que um sistema abstrato de regras reconhece que a prática linguística não é diferente de outras formas de atividades sociais diárias. Segundo Cuche (2002:171), o habitus é o que caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais e, por sua vez, "funciona como a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores" (1980ª, nota 4, p.91 *apud* Cuche p.172).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

Para que entendamos as escolhas linguísticas praticadas pelos falantes de uma dada sociedade, é preciso conhecer os alicerces que a moldam. DaMatta (1984), afirma que as bases da sociedade brasileira são moldadas em um sistema da família patriarcal. Porém, o antropólogo enfatiza que não só o sistema patriarcal, mas também a escravidão contribuíram para que as relações, por exemplo, entre patrões e empregados até os nossos dias se confundam: a empregada doméstica é vista como alguém da família. "...até hoje misturamos uma relação puramente econômica com laços de simpatia e amizade, o que confunde o empregado e permite ao patrão exercer duplo controle da situação (*ibidem*, p.32)". Este tipo de organização, até os dias de hoje, reflete-se nas relações interpessoais do povo brasileiro. Por não conseguir estabelecer os limites entre a casa e a rua, o brasileiro tende a ser cordial. Ele traz para o convívio social as relações que se criam na vida doméstica.

> Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o "homem cordial". A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões do convívio humano, informados no meio rural e patriarcal (Holanda, 2002: 146,147).

No entanto, segundo Holanda (2002), seria engano supor que tais virtudes possam significar boas maneiras, civilidade, elas são, antes de tudo, expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Para ele, a nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo o contrário da polidez. Embora, a polidez seja a forma natural e viva do "homem cordial" que se converteu em fórmulas que podem iludir as aparências; é um modo de organização de defesa ante a sociedade, e, também, equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar inatas sua sensibilidade e suas emoções. Ou seja, a polidez para o brasileiro está longe de ser um mero ritual.

Para o antropólogo, a polidez e a cordialidade são vistas como uma máscara e, armado desta, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social. Segundo ele, a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

Estas características revelam-se nas formas linguísticas utilizadas pelo povo brasileiro: o uso excessivo de diminutivos (principalmente pelas mulheres), a omissão do nome de família no trato social, e consequentemente, a maneira polida de se expressar em situações que poderiam ser constrangedoras.

> A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende o fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades na língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre em estado de fluxo (Rajagpopallan *apud* Signorini, 1998:41).

Deste modo, o conceito de cultura abordado em nosso trabalho pode ser definido como um sistema de participação que está relacionado a um sistema de práticas baseado na pressuposição que qualquer ação no mundo, incluindo a comunicação verbal, tem uma qualidade inerentemente social, coletiva e participativa. Esta noção é útil para entender de que maneira a língua é utilizada no mundo real, uma vez que falar uma língua significa ser capaz de participar de interações com um mundo. As palavras carregam consigo uma infinita gama de possibilidade de nos conectar com outros seres humanos, outras situações, eventos, atos crenças e sentimentos. Isso se deve à habilidade que a língua tem de descrever o mundo e de nos conectar com seus habitantes, objetos, lugares e períodos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

2.7
O conceito de face

De acordo com Brown e Levinson (1987), “a noção de face é derivada de Goffman (1967) e do termo inglês “folk” (gente, pessoa, povo, popular) e traz a conotação de estar perdendo a face, isto é, estar embaraçado ou humilhado”.

Segundo Goffman (1967, *apud* Figueira 1980:76), toda pessoa vive em um mundo de encontros sociais, que a põem em contato, seja face a face ou mediado, com outros participantes. Em cada um desses contatos, ela tende a pôr em ação o que é entendido como uma linha, ou seja, como um padrão de atos verbais e não-

verbais através dos quais expressamos nossa visão da situação e, através disso, nossa avaliação dos participantes e especialmente de nós mesmos.

Para o autor, o termo “face” pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesmo através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico, ou seja, uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados.

Este conceito consiste em dois aspectos respectivamente: *face negativa* (o interlocutor tem liberdade de ação e de imposição, a ênfase esta no desejo do interlocutor) e *face positiva* (revela-se a imagem ou personalidade e desejo do interlocutor. Ou seja, ele tende a minimizar a face do outro apresentando pontos em comum ao desejo do outro). Sendo assim, em nossas interações comunicativas tendemos a utilizar estratégias de polidez para minimizar as ameaças.

Ainda, segundo Goffman (1967), a face dos outros e a própria face são construtos da mesma ordem; são as regras do grupo e a definição da situação que determinam a quantidade de sentimento ligado à face e como esse sentimento deve ser distribuído entre as faces envolvidas.

De acordo com Brown e Levinson (1987), para evitar situações de ameaça às faces, locutor e interlocutor as negociam, assim como lançam mão de estratégias discursivas compartilhadas - as estratégias de polidez. Os autores adotam as expressões “bald-on-record” (positiva / negativa) ou “off-record” (indiretas) quando se referem a estas estratégias.

A primeira, “bald-on-record” negativa, é um caso de não minimização de ameaça a face do outro, pois o locutor não se preocupa em negociar as faces, pois o que importa é a máxima eficiência na comunicação. Ao fazer uso desta estratégia, o falante comunica-se de acordo com as Máximas de Grice (Grice, 1975 *apud* Brown e Levinson, 1987). Estas máximas que objetivam a eficiência da comunicação apontam as seguintes orientações: falar a verdade, não dizer nem mais nem menos do que lhe for solicitado, ser relevante e não ser ambíguo. Segundo o autor, a violação intencional de um desses postulados leva a uma mensagem indireta, nas entrelinhas.

A estratégia de polidez “bald-on-record” positiva – mais indireta - é utilizada quando o falante busca minimizar a ameaça à face de seu interlocutor, tentando mostrar que seu desejo apresenta pontos em comum com o desejo do outro. A estratégia de polidez negativa, o locutor também reconhece que deve

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

evitar ameaça à face, no entanto mantém sua liberdade de ação, ou seja, deixa exposta sua face negativa. Esse tipo de estratégia, normalmente, é utilizado para marcar distância social e mostrar que o locutor quer estabelecer certa distância social entre ele e seu interlocutor (*ibidem*, p.130).

A estratégia de polidez indireta "off-record" ocorre quando o falante utiliza atos de fala indiretos para expressar seus desejos; costuma recorrer a metáforas, ser irônico, ser vago ou ambíguo.

Brown e Levinson (1987) sugerem três fatores importantes nos atos de ameaça à face que interferem na escolha das estratégias de polidez: a distância social, o poder relativo e o peso da imposição em cada cultura. Esses fatores apontados por Brown e Levinson (*idem*) são reconhecidos por Scollon & Scollon (1995). Porém, para esses autores há também a existência de graus de variação entre distância social, poder relativo e o peso da imposição.

Finalizando este capítulo, apresentaremos a seguir algumas conclusões acerca dos textos teóricos que nos serviram de base para a pesquisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

2.8
Resumindo

Tendo como base as afirmações filosóficas de Wittgenstein (1989) citadas anteriormente, não se desvincula a linguagem das atividades humanas, portanto, torna-se extremamente relevante a abordagem dos conceitos adotados nesta pesquisa que definem as diferentes formas de reações humanas ao interagir dentro da comunidade linguística a qual ele pertence.

Os conceitos oriundos da Filosofia da Linguagem, da Sociolinguística Interacional e das Antropologias Linguística e Social são fontes imprescindíveis para que se ampliem os horizontes dos profissionais de educação que tenham por objetivo o ensino de PL2-E. Para ensinar uma língua não podemos nos deter no ensino de regras gramaticais ou exercícios que focalizem apenas pequenas amostras de frases ou textos descontextualizados das práticas culturais de uma comunidade linguística.

Finalizando este capítulo, após levantamento das obras de referência para nosso estudo, percebemos a relevância em fazer algumas observações acerca do

tema pesquisado. Os compêndios gramaticais divergem quanto às definições do que vem a ser a classe gramatical dos adjetivos. Os autores Cunha e Cintra (2007) e Neves (2000), diferentemente de Perini (2002), não admitem que a maioria das palavras possa desempenhar mais de uma função sintática, que inclui tanto a possibilidade de ser núcleo de um sintagma nominal quanto à de ser um modificador. Para essa instabilidade entre as duas classes Cunha e Cintra (2007) usam o termo *substantivação do adjetivo*; enquanto, para Neves (*op. cit*), o termo utilizado é *adjetivação do substantivo*.

Apenas Neves (2000) e Perini (2002a) compartilham da existência de subclasses para as palavras que desempenha a função de adjetivo. Porém, as explicações da autora parecem pouco convincentes para fazer a distinção entre a oposição *qualificadora* e *classificadora*. Primeiramente, ela apresenta a expressão *velho amigo* entre os *classificadores* que expressam noções adverbiais, cuja quantidade seja indefinida (cf. Neves, 2000:197) e, logos após, esta mesma construção aparece entre os *qualificadores* (*ibidem*,p.203).

Por outro lado, Perini (2002b), discorre fazendo a oposição entre os *classificadores* e *qualificadores*, porém, dando um outro enfoque para a questão. Segundo o linguista, o *classificador* deve estar contínuo ao nome e sempre depois dele e, o *qualificador* depois do classificador. Dentre os exemplos que ele cita, não há a possibilidade de anteposição, nem tampouco ele cita os adjetivos propostos nesta análise dentro do grupo dos qualificadores.

Neves (2000), em sua *Gramática de Usos***,** apresenta os adjetivos estruturados dentro da ordem em que aparecem no sintagma nominal, determinando significados sem apresentar justificativas ou elementos culturais que corroborem os usos desses adjetivos. Os exemplos citados pela autora são de difícil entendimento para aqueles que pouco conhecem a língua.

Perini (2002b), na gramática direcionada ao ensino de português língua estrangeira, fala da necessidade de se apresentar elementos culturais para justificar o uso dos adjetivos, mas apresenta exemplos descontextualizados e pouco menciona elementos culturais que corroborem o uso dos adjetivos nas construções apresentadas por ele. O autor enfatiza a ordem dos adjetivos no sintagma nominal e, apresenta algumas explicações semânticas para justificar a mudança de significado. E, como podemos verificar, nem sempre a simples mudança de ordem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA

pode alterar um significado, mas podem estar implícitas nossas crenças, usos e costumes, aquilo que compartilhamos em nossas formas de vida.

Todas essas definições, muito contribuíram para esta pesquisa a fim de justificar as formas encontradas em textos do português do Brasil, contudo, tais definições, são inacessíveis para quem deseja aprender a língua portuguesa como segunda língua, tendo em vista que, nem os falantes nativos ou, os que tenham a língua portuguesa como primeira língua, tenham conhecimento acerca destas classificações.

Parafraseando Júdice (2005), podemos dizer que saber uma língua não significa decorar regras gramaticais, não se refere apenas a conhecer as normas que regem a língua padrão. Saber uma língua é ser capaz de se expressar nessa língua, é estar apto a participar de uma comunidade onde se fala essa língua, é ir além da forma gramatical, é ser capaz, inclusive, de transgredir as regras em ocasiões específicas (até mesmo para se comunicar melhor).

No próximo capítulo, *Metodologia*, apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados para realização desta pesquisa. E, logo a seguir, com a intenção de focar algumas dessas transgressões apontadas por Júdice (*idem*), daremos início à análise dos adjetivos retirados das amostras em textos jornalísticos escritos no português do Brasil.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710550/CA